

Leituras em Elos:
o prazer em ler
com crianças e adolescentes



ciespi

CONSELHO NACIONAL DE EDUCAÇÃO
CONSELHO NACIONAL DE POLÍTICAS E ESTRATÉGIAS
DE EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS

EDITORA
PUC
RIO

Leituras em Elos:
o prazer em ler
com crianças e adolescentes



Reitor

Pe. Jesus Hortal Sánchez, S.J.

Vice-Reitor

Pe. Josafá Carlos de Siqueira, S.J.

Vice-Reitor para Assuntos Acadêmicos

Prof. José Ricardo Bergmann

Vice-Reitor para Assuntos Administrativos

Prof. Luiz Carlos Scavarda do Carmo

Vice-Reitor para Assuntos Comunitários

Prof. Augusto Luiz Duarte Lopes Sampaio

Vice-Reitor para Assuntos de Desenvolvimento

Pe. Francisco Ivern Simó, S.J.

Decanos

Prof^a Maria Clara Lucchetti Bingemer (CTCH)

Prof. Luiz Roberto A. Cunha (CCS)

Prof. Reinaldo Calixto de Campos (CTC)

Prof. Hilton Augusto Koch (CCBM)

Leituras em Elos:

o prazer em ler
com crianças e adolescentes



Leituras em Elos : o prazer em ler com crianças e adolescentes /
coordenação e redação final: Laura Pozzana de Barros. – Rio de Janeiro:
Ed. PUC-Rio: Instituto C&A : CIESPI, 2009.
124 p. : il. ; 21 cm
Inclui bibliografia.
ISBN: 978-85-87926-76-0
1. Leitura. 2. Leitores. 3. Interesses na leitura. 4. Juventude –
Livros e leitura. I. Pozzana de Barros, Laura.

CDD: 418.4

© Editora PUC-Rio
Rua Marquês de S. Vicente, 225 – Projeto Comunicar
Praça Alceu Amoroso Lima, casa Editora
Gávea – Rio de Janeiro – RJ – CEP 22451-900
Telefax: (21)3527-1760/1838
www.puc-rio.br/editorapucRio
edpucRio@puc-rio.br

Conselho Editorial
Augusto Sampaio, Cesar Romero Jacob, Fernando Sá, José Ricardo Bergmann,
Luiz Roberto Cunha, Maria Clara Lucchetti Bingemer, Miguel Pereira e
Reinaldo Calixto de Campos.

Revisão de originais: Débora Fleck
Diagramação: José Antônio de Oliveira
Imagem da capa: criação de Laura Pozzana de Barros

© CIESPI
Diretora e presidente do CIESPI: Irene Rizzini
Coordenadora de pesquisa: Laura Pozzana de Barros
Redação final: Laura Pozzana de Barros
Pesquisadoras: Carla Daniel Sartor e Maria do Carmo Cabral
Especialista em Literatura Infantil e Juvenil: Isabella Massa de Campos
Consultoria: Virgínia Kastrup (Instituto de Psicologia – UFRJ) e Irene Rizzini (PUC-Rio)

Instituto C&A
Diretor-presidente: Paulo Castro
Gerente de Educação, Arte e Cultura: Áurea Alencar
Coordenadora do programa Prazer em Ler: Ana Dourado

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte desta obra pode ser reproduzida ou transmitida por quaisquer meios (eletrônico ou mecânico, incluindo fotocópia e gravação) ou arquivada em qualquer sistema ou banco de dados sem permissão escrita da Editora.

*em memória de Mônica Lopes
e de todos que fazem histórias nesse país*

Agradecimentos

Ao Instituto C&A pela parceria e pelo investimento nesta pesquisa, principalmente a Áurea Alencar e Ana Dourado, co-criadoras desta obra em movimento; ao CIESPI pelo contínuo companheirismo prático-ideológico; a todas as pessoas, histórias e iniciativas que estão presentes neste texto.

Agradecemos principalmente à comunidade de Água Mineral, ao CECOM, à Comunidade Educadora, à Esquina do Livro e às Meninas e Mulheres do Morro, que nos receberam com confiança e atenção.

Os agradecimentos vistos mais de perto são reverberações dos sorrisos nascidos dos encontros e reencontros, dos abraços das chegadas e despedidas, do orgulho pelo fazer, da energia permanente e contagiante das crianças, da generosidade em receber, mostrar, partilhar e da vontade de expressar a realização pessoal e coletiva.

Desejamos que este livro e o material nele presente fortaleçam, ainda mais, a prática diária e incitem mais e mais o Prazer em Ler, a leitura de cada um, a formação, a mediação e a graça de descobrir e criar mundos no mundo.

Apresentação

É com satisfação que apresentamos os resultados da pesquisa “Elos com o Prazer em Ler”, desenvolvida pelo Centro Internacional de Estudos e Pesquisas sobre a Infância (CIESPI), do Rio de Janeiro (RJ). O estudo partiu da análise de cinco projetos de promoção da leitura apoiados pelo Instituto C&A no âmbito do programa Prazer em Ler.

O Prazer em Ler é uma ação desenvolvida desde 2006, da qual já participaram mais de 80 organizações, a maioria instituições sem fins lucrativos dedicadas à educação de crianças e adolescentes. Investigar e compreender a natureza das relações que se estabelecem nessas iniciativas por meio da leitura e da metodologia do programa é assunto do nosso maior interesse.

Sabemos do caráter subjetivo da leitura e da sua capacidade de promover a mobilização social. Pela prática do nosso programa, também conhecemos o potencial que os espaços de leitura têm de semear ações – nas instituições e em seu entorno – em áreas como o desenvolvimento comunitário e a cultura. Mas a pesquisa nos trouxe elementos para conhecer melhor esses fenômenos, bem como os mecanismos que favorecem a formação de leitores e, em particular, de leitores de literatura.

No estudo “Elos com o Prazer em Ler”, o CIESPI pesquisou com a propriedade e o rigor teórico necessários os elos constituídos a partir de diferentes práticas de leitura com crianças. Dentre essas práticas, quatro campos se destacaram: os elos com a leitura, os elos mediadores, os elos territoriais e comunitários e os elos com o próprio programa Prazer em Ler.

Para conhecer os resultados, nós os convidamos a ler esta publicação, pois acreditamos que ela aponta caminhos para que as ações

de incentivo à leitura tornem-se ainda mais efetivas, mais capazes de democratizar e valorizar conhecimentos, mais aptas a compartilhar prazeres e a construir esperança – e numa acepção mais ampla, que sejam indutoras de inclusão social.

O Instituto C&A faz um agradecimento especial às instituições que generosamente colaboraram para a realização desta pesquisa: Associação Meninas e Mulheres do Morro, Associação de Moradores do Bairro de Água Mineral, Centro Comunitário São Sebastião (CECOM), Instituto Repare (projeto Esquina do Livro) e Colégio Estadual Guadalajara/Care Brasil (projeto Comunidade Educadora). Também queremos aqui expressar ao CIESPI o nosso reconhecimento pela densidade teórica e técnica desta pesquisa.

Boa leitura a todos!

Paulo Castro
Instituto C&A

Sumário

Prefácio	15
Introdução	21
No rastro da pesquisa “Elos na Rede”	21
Seguindo <i>com</i> a leitura	23
1) Metodologia	29
a) Método da Cartografia	30
b) Entrevistas	31
c) Com crianças	33
2) Mapa literário	37
a) Água Mineral – São Gonçalo	37
b) CECOM – Centro Comunitário São Sebastião – Nova Iguaçu	40
c) Comunidade Educadora – Duque de Caxias	43
d) Esquina do livro – Campinho	45
e) Meninas e Mulheres do Morro – Mangueira	47
3) Análise: Leituras em Elos	53
a) Conceito de elo	53
b) Elos com a leitura	61
Lançar mundos no mundo	61
A experiência da leitura	63
Conquistando aos poucos	65
c) Elos Mediadores	73
Os mediadores se fazem entre livros e leitores	74
Propagação, contágio, multiplicação	78
Mediação e engajamento social	84
d) Elos Territoriais e Comunitários	91
Estratégias na ampliação de territórios	92
Ressonâncias que mobilizam articulações comunitárias	92
e) Elos com o <i>Prazer em Ler</i>	101
O <i>Prazer em Ler</i> como gerador de elos – A formação	102
Sustentabilidade e autonomia	104
Conclusão: o prazer em ler com crianças e adolescentes	111
Bibliografia	117
Sobre o Instituto C&A	122
Sobre o CIESPI	124

A exemplo de outros filósofos do final da Idade Média, Roger Bacon afirmava que há três tipos de substâncias com as quais podemos fazer magia: a herbácea, a mineral e a verbal. Com suas folhas feitas de fibra vegetal, suas tintas de vitríolo verde e fuligem, e suas palavras, os livros são uma amálgama dessas três substâncias. Muitas tradições compartilham essa ideia de que as palavras, como as plantas e as pedras, têm uma existência independente do fato de nós as pronunciarmos, e podem, por isso, produzir efeitos no mundo. Reunidos aos milhões, empilhados, puídos, lidos e esquecidos, os livros de uma biblioteca vão ganhando uma vida própria, não exatamente como textos, mas como objetos físicos do mundo (Battles, 2003, pp. 16-17).

))) Prefácio

Irene Rizzini¹

A vida é um sonho

Sonhos são sem tempo.
No espaço de uma noite podemos viver uma vida inteira.²

Este prefácio me vem inspirado em sonhos. Um sonho que tive numa noite destas e um sonho maior, que me tem levado pela vida: o de que as crianças floresçam em suas vidas com plenitude.

Em meu sonho via muitas crianças. Faziam coisas que crianças adoram fazer. Movimentavam-se para lá e para cá, com ruídos altos de prazer; uma mistura fantástica de tons e cores e gestos. Em meio a esta cena, uma criança se destaca por seu alheamento ao que se passava ao redor. Quieta, ensimesmada, parecia estar em outro lugar. Faz-se um profundo silêncio quando a ela me conecto e sinto sua dor, sua solidão e seu abandono. Está atada a estes sentimentos. Nada e ninguém lhe importam. A vida para ela, muito cedo, deixou de ter sentido.

Acordo com o coração apertado e com vários sentimentos que me fazem refletir sobre os caminhos que me levaram aos sonhos. E nos caminhos que me levaram à noção de *elos*, um dos conceitos que norteiam a pesquisa e o texto que compõem este livro.

Ao focar na criança do sonho, busco compreender o significado de sua presença em minha própria vida. Ocorre-me que passaram por mim muitas crianças e adolescentes que se sentiam desconectados, desenraizados, sem bem saber com quem contar. Ao ouvir, por anos, os depoimentos de crianças que viviam um ciclo infundável de abandonos (circulando entre suas casas, as ruas e as instituições que

1 Irene Rizzini é professora e pesquisadora do Departamento de Serviço Social da PUC-Rio. Diretora do CIESPI, Centro Internacional de Estudos e Pesquisas sobre a Infância. Presidente da rede mundial de pesquisa *Childwatch International*.

2 Yep, Laurence. *Life is a dream. Tree of dreams. Ten tales from the garden of night*. Estados Unidos: Bridge Water Paperback, 1997, p. 35).

deveriam protegê-las), a forma que encontrei para expressar o que vivenciavam era a de que pareciam não ter um lugar no mundo. Nos relatos de suas trajetórias de vida, destacam-se os episódios de constantes mudanças, rupturas, conexões e desconexões.

Muitas crianças vivem como aquela que vi em meu sonho. Seus elos (consigo mesmas e com os outros) parecem fragilizados, tênues e instáveis. Mostram-se tocadas pela tristeza de quem não encontra sentido no viver. Uma certeza doída de que ninguém se importa com elas.

O que são estes *elos*?

Como o termo *Tao*³, a noção de *elos* mais se apreende intuitivamente, mais se experiencia que se define. Palavras não alcançam de todo o seu sentido. Pode-se dizer que *elos* são os liames que nos vinculam à própria vida. São como laços e como vigas. Atam e sustentam; dão base.

Resultou do esforço de atribuir palavras à noção de *elos* a criação de uma definição que nos ajudasse a aprofundar a compreensão sobre como se dão os processos que conectam o ser humano à vida:

Elos são laços vitais. Desde o início da vida, a criança estabelece elos significativos que constituem referências para ser e existir no mundo. Entendendo a criança como um ser em formação, ativo em sua sociedade e transmissor de sua cultura, a sua capacidade de estabelecer elos profundos e duradouros tem dimensão e importância fundamentais para o seu viver presente e para as gerações futuras⁴.

3 Para representar o princípio eterno e incognoscível de todas as coisas, Lao Tsé escolheu uma palavra cuja etimologia possibilita essa designação pouco convencional. “Não conhecendo seu nome”, diz ele, “designo-o pela palavra tao” (Tao Te King, 1995). *Tao Te King*. São Paulo: Attar Editorial, 1995. Tradução de Marcos M. dos Santos. Obra atribuída a Lao Tsé, que teria nascido em 570 a.C., no reino de Chen, na China.

4 “Os elos significativos na vida de uma criança permitem o desenvolvimento de um sentido de ser (noção de si próprio) e de pertencer (noção de coletividade) possibilitando sua formação enquanto sujeito social.” Definição elaborada por Irene Rizzini e equipe do Projeto Rede Brincar e Aprender. Rio de Janeiro: CIESPI, 2006). A concepção de elos começa a ser desenvolvida em 1999, por

Foram caminhos semelhantes de criação e construção que nos levaram à parceria com o Instituto C&A e nossa aproximação ao Projeto Prazer em Ler. Uma profunda afinidade de ideias e de práticas nos conecta, além do interesse pela literatura, livros, leitura, bibliotecas... Nossa reflexão, compartilhada durante anos com Áurea Alencar e, posteriormente, com Ana Dourado, perpassava todo o tempo essa apreensão intuída de elos, permitindo-nos ir além das limitações das palavras.

A realização de *Leituras em Elos. O prazer em ler com crianças e adolescentes* reflete múltiplos encontros. Destacamos os muitos elos formados a partir da atuação da equipe do Projeto Rede Brincar e Aprender, do CIESPI ao longo dos últimos sete anos: Carla Daniel Sartor, Nathercia Lacerda, Isabella Massa de Campos, Alexandra Pena e Vicente Barros. E ainda a participação de Laura Pozzana e Maria Carvalho Cabral, que, com grande sensibilidade, nos ajudaram a aprofundar a compreensão dos elos com o ler e com a leitura⁵.

Finalizamos esta pequena abertura antecipando algumas ideias que sintetizam importantes conclusões a que a equipe chegou a partir da pesquisa realizada com base no Projeto Elos com o Prazer e Ler. Elas são como um convite para que o leitor mergulhe no prazer da leitura deste livro.

Como então nascem e se fortalecem os elos? No caso da leitura, eles se dão, em grande parte, pelo contágio. Uma reverberação que vai produzindo leitores e mundos. Com contágio as ações e as percepções vão propiciando a expansão de um território sensível à leitura. Identificamos, descrevemos e analisamos alguns elos constituídos em torno das diferentes práticas de leitura. Estes elos são efeitos de uma prática na qual o prazer em ler se insere. Há um vetor de transversalização e produção nestes campos e ele se chama leitura.

meio de duas enquetes a famílias, realizadas no Rio de Janeiro (2000) e em Goiânia (2001). Rio de Janeiro: CIESPI, 1999.

5 Gostaríamos de destacar a participação de Virginia Kastrup, professora da Universidade Federal do Rio de Janeiro, e sua importante orientação à equipe.

E, por fim:

Podemos afirmar que o Prazer em Ler tem contribuído para o conhecimento e fortalecimento de práticas que lidam com crianças. São práticas concretas que caminham na construção de uma rede comunitária ligada à leitura, fundamental para que o plano dos direitos presente no Estatuto da Criança e do Adolescente seja efetivado no plano dos fatos.

Concluimos como iniciamos: com o sonho. O de que todas as crianças floresçam em suas vidas com plenitude. E com ele, relembro as palavras que Betinho nos escreveu anos atrás, como parte de seu sonho e de nossos elos pela vida: “A criança é o princípio sem fim. O fim da criança é o princípio do fim. Quando uma sociedade deixa matar as crianças é porque começou seu suicídio como sociedade. Quando não as ama é porque deixou de se reconhecer como humanidade”⁶. Seguimos com o sonho e com os passos que nos levam a torná-lo realidade.

⁶ *Criança é coisa séria*. Herbert de Souza. Contracapa do livro: *Criança é coisa séria*, de Roseana Murray. Coordenação: Irene Rizzini. Rio de Janeiro: AMAIS Ed. /Memórias Futuras, 1991.

Introdução



))) Introdução

Este livro é fruto da pesquisa “Elos com o Prazer em Ler”, realizada pelo CIESPI – Centro Internacional de Estudos e Pesquisas sobre a Infância – com o intuito de produzir reflexões e avaliações acerca de cinco iniciativas apoiadas pelo Instituto C&A no âmbito do Programa Prazer em Ler, após seus três primeiros anos de vida. Através de uma pesquisa de campo e do recurso a textos teóricos, o objetivo foi identificar, descrever e analisar os elos constituídos a partir de diferentes práticas de leitura com crianças. Os elos foram investigados através do método da cartografia, com o qual foram acompanhados processos de incentivo à formação de leitores, com foco na criança, no adolescente e no contexto comunitário. Com a pesquisa, quatro elos se destacaram: elos com a leitura, elos mediadores, elos territoriais e comunitários e elos com o Prazer em Ler. Por fim, ressaltamos aspectos que contribuem e outros que podem dificultar as práticas de leitura com crianças. Foi também criado um banco de dados reunindo relatos das visitas a campo e a transcrição das entrevistas, disponível para consulta. Apresentamos abaixo uma síntese da pesquisa realizada de abril de 2008 a março de 2009.

No rastro da pesquisa “Elos na Rede”

Esta pesquisa é precedida por uma outra, “Elos na Rede”,¹ também realizada pelo CIESPI, de abril de 2007 a março de 2008. Seu objetivo foi analisar a iniciativa que vem sendo realizada desde 2002 pelo projeto Rede Brincar e Aprender,² através de brinquedotecas e bibliotecas comunitárias localizadas na zona sul do Rio de Janeiro: Mangueira de Botafogo, Santa Marta, Horto e Rocinha. O foco da pesquisa foram os elos construídos em torno dos espaços onde acontecem as atividades das bibliotecas e brinquedotecas comunitárias.

1 Conferir o Relatório Elos na Rede, 2008. Disponível em: www.ciespi.org.br.

2 O Rede Brincar e Aprender nesta época possuía parceria com o Instituto C&A, entre outros.

Verificamos como o ler e o brincar, com as práticas que os cercam, são dispositivos na criação de elos.

Nos últimos anos, o CIESPI tem estudado a importância da constituição de elos no desenvolvimento infantil e juvenil.³ Consideramos que elos são laços humanos vitais, conectam os homens entre si, o homem consigo mesmo e à vida de maneira geral. Os elos na vida de uma criança contribuem para o desenvolvimento da noção de si próprio e da noção de coletividade, possibilitando sua formação como sujeito social e como sujeito cidadão (Rizzini e equipe do Rede Brincar e Aprender, 2006). Os elos podem ser estabelecidos com pessoas e em contextos diversos. Com o contínuo exercício de estudo e pensamento, a noção de elos tem sido enriquecida a partir de pesquisas e práticas que nos inspiram a pensá-los como uma conexão (Latour, 1999) e um agenciamento⁴ (Deleuze, 1977). As práticas produzem conexões. E os elos estão presentes em uma relação que produz subjetividades e mundos, num processo de coengendramento.

Para acessar o plano onde os elos nascem e são fortalecidos, nos dispusemos a fazer uma pesquisa que considerasse o aspecto temporal na produção de relações, subjetividades e modos de vida. Era preciso conviver com a matéria a ser investigada e, no acompanhamento de processos, fazer falar o fazer. Extrair palavras ancoradas nas experiências em curso. Fazer uma cartografia dos signos que configuram os espaços habitados pelas práticas investigadas. Ao concluirmos a pesquisa “Elos na Rede”, constatamos que a natureza dos elos criados e fortalecidos é predominantemente afetiva. O que chamamos de afeto não é o mesmo que carinho ou sentimento. Ao nos referirmos ao afe-

3 Os artigos publicados em um dos volumes da *Revista do Departamento de Serviço Social da PUC-Rio*, editada pela equipe do CIESPI, compreendem a construção destes marcos conceituais que temos buscado aprofundar. Vide: Rizzini, Irene; Barker, Gary e Zamora, Maria Helena, 2002. Ver ainda Rizzini, Irene; Barker, Gary e Cassaniga, Neide, 2000.

4 Agenciamento é um conceito formulado por Gilles Deleuze que designa dupla captura, uma relação de mão dupla, uma transformação recíproca, o acontecimento *entre* dois.

to, falamos da força que toca os sentidos concretamente e que pode gerar deslocamento existencial ou o despertar micropolítico. Os elos que se fizeram presentes na pesquisa “Elos na Rede” fazem parte da aproximação e da permanência ou engajamento das crianças nas bibliotecas e brinquedotecas comunitárias. Não só crianças, pois a família também se aproxima, bem como a escola e a comunidade. Os dinamizadores, assim como os parceiros, as crianças e a própria equipe do projeto “Rede” ganham conexões. Conexões com os outros, com eles mesmos, com a cultura e o mundo ao seu redor.

Seguindo com a leitura

O presente texto é obra de muitos encontros. Entre outros, do CIESPI com o Instituto C&A, parceiro do projeto. O CIESPI tem se dedicado ao desenvolvimento de pesquisas e projetos sociais voltados para crianças, adolescentes, jovens e seus elos familiares e comunitários. Atua com políticas e práticas para esta população, contribuindo para o seu desenvolvimento e para a promoção e defesa dos seus direitos. A missão do Instituto C&A é “promover a educação de crianças e adolescentes das comunidades onde a C&A atua, por meio de alianças e do fortalecimento de organizações sociais”. Isto se dá através de diferentes áreas e programas, onde se insere o Programa Prazer em Ler, que tem como objetivo a promoção da “formação de leitores e o desenvolvimento do gosto pela leitura, apoiando ações continuadas e sustentáveis, assim como articulações com distintos agentes envolvidos com a leitura no Brasil”.⁵

Na pesquisa “Elos com o Prazer em Ler” entendemos a leitura como uma ação potente na criação de elos. Nos espaços dedicados à leitura a ênfase na literatura – e não apenas nos livros em geral – demarca um modo de ler que não tem objetivos estritamente pedagógicos, mas incide sobre os movimentos e a potência de problematização e de inquietação. Em outras palavras, a literatura tem um

5 Indicações extraídas da apostila *O programa Prazer em Ler no contexto nacional da promoção da leitura*, novembro de 2008.

papel na produção de subjetividades, ativa e multiplica o traçado de caminhos e estratégias inventivas de vida.

Um conceito instrumento para nós foi o de subjetividade, tal como pensado por Gilles Deleuze e Felix Guattari (1995). Neste contexto, a subjetividade é indissociável da ideia de produção. Ao contrário do sujeito fixo, cartesiano, que tem um pensamento que o separa do mundo, as subjetividades estão em constante transformação e têm relação direta com o território existencial, histórico e afetivo que habitam. A leitura se insere no âmbito das práticas de produção de subjetividade. Ao considerarmos subjetividades em processo de produção no lugar de sujeitos e objetos dados, nos associamos à ideia de que uma humanidade está sendo criada. Na ação cognitiva, há um vetor inventivo; aprendemos criando o mundo e a nós mesmos (Kastrup, 1999). Trata-se de um aprendizado que vai formando subjetividades em direção a uma autonomia e, ao mesmo tempo, constituindo-as em conexão com o coletivo.

Para captar nas práticas de leitura *como* os elos emergem e são geridos, *como* os incentivos são incorporados em cada prática, *como* os afetos em torno do texto literário ganham espaço na vida cotidiana, *como* se dão as modulações territoriais e existenciais a partir do Programa Prazer em Ler, analisamos cinco iniciativas que trabalham com leitura: Água Mineral (em São Gonçalo); CECOM (em Nova Iguaçu); Comunidade Educadora (em Duque de Caxias); Esquina do Livro (em Campinho) e Meninas e Mulheres do Morro (na Mangueira).

Nos dispusemos a um mergulho intensivo, em que os detalhes foram relevantes e reveladores, já que compõem com uma experiência viva na qual a leitura está inserida. Utilizando o método da cartografia (Deleuze e Guattari, 1995; Rolnik, 1989; Kastrup, 2008; Pozzana de Barros e Kastrup, 2009), a pesquisa visou o acompanhamento de processos e caminhou na direção da construção coletiva do conhecimento. Buscou despertar o que não se encontra apenas na esfera do saber acadêmico, mas o articula com saberes e experiências dos próprios participantes da pesquisa.

O objetivo da pesquisa foi identificar, descrever e analisar os elos constituídos em torno das diferentes práticas de leitura. De uma maneira geral, buscou saber o que, nas iniciativas, potencializa a construção de uma capilaridade (rede, elos em conexão) relacionada com a leitura e a formação de leitores. O que é comum entre elas? O que facilita e o que dificulta este processo?

Os objetivos específicos foram: 1) conhecer as práticas de leitura criadas pelas iniciativas no encontro com o Prazer em Ler e dar-lhes visibilidade; 2) identificar e refletir como o Programa Prazer em Ler contribui para o fortalecimento das organizações que trabalham com leitura e que se tornam referência nas comunidades onde atuam; 3) mapear de que forma a constituição de projetos de leitura torna possível a criação de elos no contexto das comunidades; 4) refletir sobre outros elos que vão sendo criados pelas instituições que integram o Prazer em Ler do Instituto C&A; 5) promover intercâmbios entre as diferentes iniciativas em torno da leitura, propiciando a apropriação e a valorização das suas próprias práticas.

Assim como na pesquisa anterior, tratou-se de um movimento investigativo, que se fez com sensibilidade e ritmo, acompanhando um processo de produção. Fazemos pesquisa *com* os participantes e não pesquisa *sobre* um objeto. Fazemos junto. Aqui, ao fazer a pesquisa, também estamos, nós pesquisadores, fazendo a nós mesmos. Somos mobilizados no modo como percebemos e pensamos. Neste sentido, investigar a formação de elos pode contribuir para o fortalecimento de práticas locais e concretas: acionando micropolíticas⁶ que permitem a singularização das existências, ao invés da homogeneização das massas orientadas pelo mercado de consumo.

No primeiro capítulo apresentamos a metodologia da pesquisa, a cartografia e seus desdobramentos. O segundo capítulo é dedicado ao traçado de um Mapa Literário, em que apresentamos, de forma breve, as cinco iniciativas estudadas, com seus modos de funcionamento e as principais pessoas que participam do processo. O terceiro capítulo traz a análise do material teórico e de campo: extratos

6 Guattari, 1990.

de textos de referência, trechos das entrevistas transcritas e relatos das visitas. O material foi reunido e comentado de acordo com a seguinte organização, que se deu no próprio pesquisar: a) Elos com a Leitura; b) Elos Mediadores; c) Elos Territoriais e Comunitários; d) Elos com o Prazer em Ler. Por último, apresentamos algumas conclusões da investigação, apontando movimentos e tendências que podem orientar uma reflexão no presente e o desdobramento de novos projetos.



Metodologia

1)) Metodologia

Escrevemos [...] a dois. Como cada um de nós era vários, já era muita gente. Utilizamos tudo o que nos aproximava, o mais próximo e o mais distante. [...] Fomos ajudados, aspirados, multiplicados (Deleuze & Guattari, 1995).

Um dia *Lúcia-Já-Vou-Indo* recebeu um convite para uma festa. Levou o dia inteirinho para ler o bilhete que dizia assim: “Chispa-Foguinho, a libélula, convida você para uma festa dançante, embaixo do Pé de Maracujá, às oito horas da noite do dia 30 de janeiro. Comes e bebes, muita música, muita alegria, tudo do bom, do melhor e de graça.” Como era muito lenta, resolveu começar a se aprontar três dias antes e ir se direcionando para o local da festa. “Juro que vou chegar na hora!”, disse para si mesma. “Já vou indo, já vou indo”. *Lúcia* seguia seu caminho quando tropeçou numa pedra e gastou um tempão para se recompor na estrada.¹

O texto acima faz parte da nossa pesquisa de campo. No CECOM, estávamos entre crianças, em roda e com muitos livros ao centro. Uma das pesquisadoras não se aguentava parada. Emocionada, queria muito pegar um livro que reconheceria de sua infância. *Lúcia-Já-Vou-Indo* não era uma história qualquer, era uma experiência marcada com sensações, pensamentos, conversas, ilustrações e cores fortes. Ao abrir o livro sentiu como a memória é viva, feita de ritmos e temperaturas. Este livro é trazido à baila para dizer de um modo de fazer pesquisa em que aquilo que toca os pesquisadores deve estar em sintonia com o que toca o campo de investigação. E vice-versa. A sensibilidade é por onde transitamos e por onde acionamos o pensamento. Podemos seguir mais com *Lúcia*, bem lentamente. E, mais do que chegar a um determinado lugar ou resultado, no dia e na hora certa, nos interessamos pelas paisagens que vamos encontrando pelo caminho. Como superar a pedra? Como seguir? Como fazer desvios? Como puxar um fio? Como nos conectarmos com as experiências suscitadas pela leitura?

1 Penteadó, Maria Heloísa. *Lúcia-Já-Vou-Indo*. São Paulo: Ed. Ática, 2000.

Para captar os elos criados e fortalecidos com o Prazer em Ler, o percurso investigativo precisava estar sintonizado com as diferentes práticas de leitura e com o convívio comunitário. Importava captar movimentos, extrair palavras das relações. Fazia-se necessário estar com cada um, em cada espaço, entre livros, mediadores, coordenadores, crianças e afetos. Era preciso estar de corpo presente.

a) Método da Cartografia

Além do estudo de textos teóricos sobre o tema da leitura, foi realizada uma pesquisa de campo, por meio de visitas e entrevistas com crianças, mediadores, equipe e parceiros das iniciativas. Foi utilizado o método da cartografia, proposto por Gilles Deleuze e Felix Guattari (1995) para o estudo da dimensão processual da subjetividade e de seu cultivo. O método cartográfico exige uma construção caso a caso, que requer a habitação do território investigado e a implicação do pesquisador no trabalho de campo, já que não equivale a um conjunto de regras prontas para serem aplicadas (Guattari e Rolnik, 1996; Rolnik, 1989; Kastrup, 2008).

O método da cartografia é utilizado em pesquisas de campo voltadas para o estudo da subjetividade (Kastrup, 2007; Mairesse, 2003). Ele se apresenta como ferramenta de pesquisa que permite abarcar a complexidade, a processualidade, essa zona de indeterminação que acompanha cada prática, colocando problemas, buscando o coletivo de forças em cada território cartografado.

A cartografia é um modo de conceber a investigação e o encontro do pesquisador com seu campo. Ela é produzida a partir das percepções, sensações e afetos experimentados pelo pesquisador nesse encontro que não é neutro, nem isento de interferências. Com este método, ressaltamos a potência criadora dos encontros e do fazer compartilhado. Optamos por não utilizar questionários padronizados, com o intuito de buscar uma maior abertura para a experiência.

Fizemos um encontro inicial, no escritório do Instituto C&A, para apresentar a proposta de pesquisa, nos apresentarmos umas às

outras (todas curiosamente mulheres) e agendarmos uma primeira visita. Os diferentes caminhos ali já se enunciavam. De onde partir? Como chegar aos locais da pesquisa? Com que meios de transporte? Qual o melhor dia e a melhor hora? A cartografia já se desenhava.

Fomos às comunidades para conhecer cada lugar e também as pessoas envolvidas nas práticas de leitura. Ali, conversamos com aqueles que nos eram apresentados, participamos das atividades, observamos detalhes e dinâmicas, passeamos para conhecer os diversos lugares dedicados à leitura e seus contextos. Assim, podíamos acessar um pouco como se dava o trabalho cotidiano de cada iniciativa, incluindo funcionários e frequentadores, crianças e adultos, leitores ou não.

Fez parte do nosso método a elaboração de relatos após cada ida a campo. Estes relatos continham descrições com dados objetivos (data, hora, local, atividade do dia, leitura, pessoas presentes e entrevistadas) e, também, impressões (afetos), observações, pensamentos e conexões despertadas a partir de alguma experiência – conexões com aspectos teóricos e com dados concretos encontrados na vivência do dia.

Após a primeira rodada de visitas, fizemos um novo encontro com todas as iniciativas, compartilhamos impressões e trabalhamos coletivamente com a pergunta “Qual o papel do *seu* projeto na ampliação da rede comunitária e na criação de articulações, através da promoção da leitura?”. Depois, refletimos em conjunto sobre as perguntas das entrevistas que faríamos em cada lugar. Marcamos novas datas para visitas e entrevistas.

b) Entrevistas

Em cada iniciativa os entrevistados foram: crianças, mediadores, equipe e parceiros (estes últimos foram entrevistados quando indicados pelas equipes).²

² Entrevistamos 54 crianças, 27 mediadores, 10 componentes das equipes das iniciativas e 5 parceiros, configurando um total de 96 pessoas. Na Esquina do Livro foram entrevistadas 21 crianças, 3 mediadoras, a coordenadora, uma das idealizadoras do projeto e 2 professoras de uma escola pública parceira. No CECOM

Criamos como dispositivo³ para a realização das entrevistas uma caixa com perguntas soltas. Caixa mágica, caixa encantada ou caixa para despertar surpresas eram algumas das denominações recebidas ao chegar em campo. Muitos comentários foram feitos e em todos os lugares ela era desejada: “Esta caixa vai ficar aqui?!”; “Também queremos uma dessa”. Trata-se de uma caixa de madeira, decorada com papel reciclado, contendo em seu interior papéis dobrados com as perguntas. As entrevistas aconteciam, na maioria dos casos, em grupo.

A dinâmica da entrevista era atravessada pelo modo de operar de cada iniciativa. Aconteciam depois de um almoço coletivo, no interior da atividade de leitura, após uma roda de dança ou da oração feita com as crianças, seguindo um passeio pela comunidade, ou, algumas vezes, um tempo era reservado só para a pesquisa. De maneira geral, após nos apresentarmos, pesquisadoras e pesquisa, indicávamos que cada um pegasse uma pergunta, lesse em voz alta e respondesse. Em alguns momentos as perguntas despertavam diálogos e em outros abriam para outras perguntas. Os demais participantes podiam completar ou responder algo diferente se quisessem. Assim, a caixa servia de instrumento na produção de dados e também na reflexão compartilhada das práticas de leitura.

foram 12 crianças, 7 mediadoras e a coordenadora. Na Comunidade Educadora entrevistamos 6 crianças, 10 mediadores, a coordenadora geral e 2 coordenadoras dos voluntários e mediadores. Na Associação Meninas e Mulheres do Morro foram 5 crianças, 4 mediadoras, 2 coordenadoras e um jovem responsável pela informática. Em Água Mineral entrevistamos 10 crianças, 3 mediadores, a coordenadora, uma parceira voluntária e 2 parceiras de uma escola particular. As crianças tinham em média de 7 a 13 anos.

- 3 Adotamos o conceito de dispositivo tal como apresenta Gilles Deleuze (1988) em texto dedicado ao trabalho de Michel Foucault: “um conjunto multilinear [onde] os objetos visíveis, os enunciados formulados, as forças em exercício, os sujeitos em posição são como vetores ou tensores.” Portanto, trata-se de uma configuração que reúne formas e modos de ser constituídos (ideias, gestos, crenças, julgamentos, etc.), movimentos e aberturas para atualizações e invenções de novos modos de existência.

Foram feitas três visitas a cada iniciativa. Na maioria das vezes, as visitas duraram um dia inteiro. Além das visitas e das entrevistas realizadas em cada local, aconteceram três encontros coletivos para partilhar o processo, debater em conjunto alguns temas e fazer novos acordos. Nessas ocasiões a caixa de perguntas foi utilizada com a finalidade de disparar as discussões.

Cada entrevista foi gravada e posteriormente transcrita para ser analisada.

c) Com crianças

Cabe destacar que entrevistar crianças é algo marcado pelo contínuo aprendizado. Como acessar os elos presentes *com* as crianças, através de perguntas sérias e, sobretudo, com a incipiente relação de confiança que na maior parte das vezes temos com elas? Notamos que, ao nos apresentarmos e propormos uma roda com a caixinha de perguntas, provocávamos uma curiosidade no ar. Percebíamos também um modo assustado ou receoso de se apresentar. Só aos poucos as crianças se deixavam levar e iam contando aquilo que as ligava aos espaços dedicados à leitura. Muitas vezes eram respostas sintetizadas em uma palavra (como livro, história, tia). Outras vezes nos surpreendíamos com uma fala mais articulada, como, por exemplo, quando um menino, ao ser perguntado como chegou ali, respondeu que chegara numa quinta-feira e que sabia que era quinta porque havia ido para uma atividade de dança. Esta atividade tinha sido cancelada naquele dia e ele acabou indo para a biblioteca comunitária e passou a gostar de ir para lá e ler.

A presença das crianças na pesquisa se deu de diferentes maneiras, todas próprias aos movimentos delas e de como costumam estar naqueles espaços. Estacionávamos o carro e lá estavam as crianças. Fazendo fila, correndo no pátio, subindo e descendo escadas, esperando o portão abrir, sentando em roda, ouvindo, falando, silenciando. As crianças estavam sempre presentes. Com seus olhares descobridores, elas estavam presentes, com seus sorrisos para as

“tias” preferidas, carinhosas, presentes na vontade de ler em voz alta, na vontade de ver o livro com o amigo, na vontade de “alugar” um livro e levá-lo para casa. Presentes com a energia da vida em crescimento. Talvez esse seja o maior presente de todos. Um tempo investido de afetos, cuidados, histórias e livros para mudar as vidas de muitas crianças.

Destacamos que o ponto forte deste caminho metodológico escolhido foi o encontro de todas as vozes escutadas. Vozes que emergiam das práticas com a leitura e no fazer comunitário. As crianças não discursavam muito, mas estavam vivas em cada momento. O mapa que traçamos das iniciativas e a análise de todo o material parte desse encontro singular e plural.



Mapa literário

2)) Mapa literário

O mapa literário ora apresentado foi feito de muitas linhas, pontos, traços, signos, vozes. São mapas de lugares distantes, próximos, acolhedores, surpreendentes. Mapas tecidos pelo meio, a partir de contatos e entrevistas, e que transbordaram, para nós, em nós, nos lugares que estivemos e nas pessoas que conhecemos. Saímos transformados desses contatos. O que apresentamos, portanto, não são simples decalques ou impressões. São experiências, o acontecer de um processo. “Escrever nada tem a ver com significar, mas com agrimensar, cartografar, mesmo que sejam regiões ainda por vir” (Deleuze & Guattari, 1995).

a) Água Mineral – São Gonçalo

A leitura transforma seu mundo.¹

A Biblioteca Comunitária Alcino José de Lemos foi concebida como “um espaço aberto para que todos se aventurem em um mundo em que tudo é possível: a literatura”.² O projeto para a criação da biblioteca remonta a 2003, a partir de parcerias com o Promundo, o CIESPI e o Instituto C&A. Eles contam:

Como a leitura nasceu aqui?

Eu não estava aqui na época, mas eu soube que houve um grupo focal do projeto Bases,³ com mães, mulheres da comunidade e elas deram essa sugestão de que seria legal ter uma biblioteca aqui. Então algumas pessoas escreveram o projeto da biblioteca e enviaram para o Instituto C&A. [...] E aí a biblioteca foi implantada aqui. Na época não tinham mediadores,

1 Material de divulgação da Biblioteca Comunitária Alcino José de Lemos, em Água Mineral, São Gonçalo.

2 Idem.

3 “Comunidade não é risco, é oportunidade: fortalecendo as bases de apoio para crianças e jovens em comunidades do Rio de Janeiro”. Rio de Janeiro: Promundo, CIESPI, 2006.

era só a biblioteca em si e depois foram mandando outros projetos para fazer de fato a biblioteca funcionar (Coordenadora, Água Mineral).

A biblioteca está instalada na sede da Associação de Moradores de Água Mineral (AMAM), em São Gonçalo. É uma casa de dois andares, com um posto de saúde no primeiro andar e a biblioteca funcionando no segundo.

Seu objetivo é incentivar a formação de leitores, contando para isso com um acervo de cerca de 750 livros. A biblioteca é bem organizada, com dois ambientes. Funciona de segunda a sexta-feira, de 9h às 17h, e aos sábados de 10h às 13h. Oferece empréstimo de livros, além de diversas atividades ligadas à leitura, como rodas de leitura, hora do conto, maratona de leitura e oficinas de leitura e literatura. Fica localizada em um espaço tranquilo, com muitas árvores e verde ao redor.

Água Mineral é uma comunidade na qual a maior parte dos moradores pertence às classes populares e situa-se no município de São Gonçalo, vizinho ao Rio de Janeiro. A estrutura urbana da região é pouco aparelhada no que se refere a recursos recreativos e culturais para as crianças que ali habitam. A chegada da biblioteca em 30 de julho de 2004, organizada na Associação de Moradores de Água Mineral, trouxe uma nova perspectiva no plano das alternativas culturais, de lazer e de conhecimento para as crianças moradoras do local⁴.

De acordo com os relatos, o acesso à biblioteca fica prejudicado por não existir calçada na estrada que chega ali, e as pessoas terem que caminhar praticamente na rua. Assim, somente as crianças que moram muito próximas frequentam a biblioteca, o que restringe a população atendida.

A biblioteca possui parceria com uma escola particular próxima, chamada Arco-Íris Encantado. Faz mediação de leitura para os

4 Moreira, Cíntia e Massa, Isabella. "A biblioteca comunitária, a literatura infantil e o livro artesanal na Associação de Moradores de Água Mineral. Disponível nos anais do 15º Congresso de Leitura do Brasil, <http://www.alb.com.br/anais15/Sem02/cintiamoreira.htm>.

alunos de lá e há uma moradora da comunidade que atua de diversas maneiras na biblioteca e na sua própria casa, como voluntária na realização de atividades de leitura.

Um ponto destacado pelos mais antigos da equipe foi a formação recebida ao longo do trabalho na biblioteca. Tal formação foi relatada como algo fundamental, transformador e que permanece nelas.

Fiz o curso com a Isabella. A partir daí eu abri minha casa... Associo o trabalho na minha casa com o da biblioteca. Estou com outro trabalho também, outras atividades. [...]

Fiz o curso... Por circunstâncias outras não teve espaço pra mim na Associação.

Achei que o espaço tinha que ser criado lá na minha casa. [...]

Depois do curso achei que tinha que fazer alguma coisa e então abri para a comunidade. Conto histórias (Parceira, Água Mineral).

Por causa desse trabalho, que a gente começou aqui em Água Mineral, se ramificou e continuo. Porque é aqui que ganho força e dá para crescer. É minha base. Daqui que eu cresço. E faço as parcerias que eu puder (Parceira, Água Mineral).

A implantação dos módulos de capacitação, necessários para o funcionamento do espaço, vem fortalecer o conceito de biblioteca e de formação de leitores, como um caminho para o exercício da cidadania e ampliação de oportunidades, principalmente para a formação de crianças e adolescentes. É um processo que favorece o desenvolvimento de um sentido de pertencimento e de apropriação desse espaço coletivo.⁵

Outra questão que apareceu no contato com equipe e parceiros diz respeito às dificuldades políticas, ligadas à Associação de Moradores, que acarretaram descontinuidade no projeto, tanto em termos de pessoal quanto de funcionamento. Essa inconstância teve consequências negativas para a biblioteca, a equipe e o público que a frequenta.

⁵ Idem.

Nos explicaram que as contas da biblioteca são administradas pela Associação de Moradores, que possui uma estrutura familiar e já é antiga no local. Disseram que quando há necessidade de verba para alguma coisa na biblioteca eles pedem à Associação, e que a atual coordenação da biblioteca foi convidada pela Associação. Nas entrevistas este tema também surgiu:

Tenho contato com as mães, só não consigo reunir num lugar, é difícil. O nome Associação está tão desgastado que não se consegue trabalhar com esse nome, não. É necessário trabalhar a autoestima da Associação.

Já foi diferente?

Já. A biblioteca é outra história. Mas a Associação já foi diferente. Tudo o que conseguimos (asfalto, ônibus) foi pela Associação. Ele sempre fez. Mas se a comunidade não faz não se torna dona. [...] conseguia reunir esses jovens. Em algum momento a comunidade já foi unida (Parceira, Água Mineral).

b) CECOM – Centro Comunitário São Sebastião – Nova Iguaçu

Histórias são como ouro mágico, quanto mais você compartilha, mais tem (Polly McGuire).

Este projeto começou com foco na educação, trabalhando com reforço escolar, e hoje, apesar de ainda manter esta função, se expandiu e entende a leitura como uma atividade de grande importância, como um processo que pode atender a diferentes propósitos. A equipe percebeu que as possibilidades de transformação e crescimento das pessoas atendidas pelo projeto seriam bem maiores a partir do trabalho com a leitura.

Nossa instituição tem clareza que formar um leitor competente supõe formar alguém que compreenda o que lê; que possa aprender a ler também o que não está escrito, identificando elementos implícitos. Levando-se em conta o conceito de leitura de Freire, ao tornar-se efetivamente um leitor, o

indivíduo seria capaz de usar a leitura como meio de tomar consciência da realidade e transformá-la. A prática de leitura, ancorada em sua natureza eminentemente política, tem a função de libertar o homem de sua alienação e, a partir desse processo, promover a mudança social.⁶

A equipe acredita que é preciso inventar novos caminhos para a iniciação prazerosa do ato de ler, realizando atividades que estimulem o contato direto com os livros. Estas práticas têm acontecido em seus espaços de leitura, possibilitado inclusive aos funcionários se descobrirem leitores para poderem contagiar as crianças com esse prazer em ler. Os parceiros do CECOM contam que muitos de seus funcionários despertaram para a leitura a partir da parceria com o programa Prazer em Ler (inclusive a cozinheira, que encontramos lendo na biblioteca na sua hora de folga). Eles acham que ajudou a querer aprender, a pensar “eu quero ler para mim”. Salientam ainda que colocam ênfase na leitura literária e no efeito multiplicador disso, com os filhos levando livros para as mães e familiares.

O CECOM tem uma boa estrutura física, é amplo, bem organizado e acolhedor. Uma grande árvore fica na frente da casa e observamos que muitas crianças, adolescentes e mediadoras vão para lá de bicicleta. Oferecem lanche e almoço para as crianças e equipe. Almoçamos com eles e foi um momento muito agradável. A comida é gostosa e percebemos uma forte amizade entre a equipe, um clima afetivo e alegre, apesar das dificuldades relatadas, especialmente em relação às famílias de algumas crianças.

Quanto ao público do projeto, segundo dados fornecidos por eles, o CECOM atende cerca de 450 crianças de 0 a 17 anos, com previsão de incrementar este número para 540 ao longo de 2009. As famílias são atendidas de forma indireta, atingindo um número em torno de 300 pessoas, com perspectiva de aumentar esse número para 800. O público é bem diversificado, formado principalmente por crianças e por adolescentes e adultos, como voluntários, professores, pais, catequistas, etc. Nas palavras delas: “todas as pessoas que

⁶ Relatório CECOM, 2008.

nos vem são bem atendidas”, disposição que pudemos constatar no convívio com o projeto.

Como parceiros eles têm o Instituto C&A, a Igreja Católica e o NUCREP – Núcleo de Creches e Pré-Escolas Comunitárias da Baixada Fluminense. Além disso, recebem doações da comunidade: padaria, sacolão, mercado. Também possuem parceria com a Escola Orestes e com o Colégio Irene. Fazem um encontro de todos no CECOM uma vez por mês para o planejamento e são 53 pessoas no total.

Funcionam em quatro núcleos: 1) duas creches: a São Sebastião, que fica em Vila de Cava, e a Creche Fé e Esperança, que fica no Rancho Fundo, atendendo cerca de 100 crianças de 2 a 6 anos e funcionando de 7 às 17h; 2) o Núcleo Irmã Amélia, em Nova Brasília, com apoio escolar, biblioteca e alfabetização de crianças e adultos; 3) o Núcleo Esperança para o Futuro, no Bairro de Maio – Maloca, com a Biblioteca Mágica; 4) o Centro de Formação Irmã Anita, com uma biblioteca que funciona mais para pesquisa e um polo de informática e pré-vestibular.

Quando chegamos ao local fomos muito bem acolhidas e apresentadas à equipe pela coordenadora. Primeiro a cozinheira, depois as mediadoras. Participamos da roda de leitura que estava acontecendo, junto com as crianças do núcleo, as crianças que frequentam a biblioteca e as mediadoras. Tiramos os sapatos, como todos fazem para entrar na sala, ouvimos algumas crianças lendo histórias e depois a mediadora escolheu um livro para ler. Após a roda de leitura, houve um momento para o lanche para alguns e almoço para os que fazem reforço escolar.

Cabe destacar que o CECOM demonstra acreditar e viver o compartilhar, o comer junto, o (bem) conviver. Procuram conhecer as crianças que participam da iniciativa e suas famílias, acompanhando de perto o que acontece com elas. A equipe visita as famílias das crianças que entram para o núcleo e, de fato, as conhecem, buscando manter os vínculos estabelecidos. Como, por exemplo, enviando cartas convidando os que terminaram o núcleo para continuarem frequentando a biblioteca. E obtiveram retorno com isso, como nos

relatou uma mediadora em relação a uma adolescente que participava de uma roda de leitura:

Às crianças que saíram do núcleo, nós fizemos um convite especial pra continuar esse ciclo. Eu escrevi uma carta e enviei para cada criança pra eles poderem participar da biblioteca. [...] Quando acaba o ciclo do núcleo, aí pra que eles fiquem em outras atividades, no tempo ocioso, a gente convidou eles para continuarem na biblioteca. Ela é uma das que aceitou o convite (Mediadora, CECOM).

c) Comunidade Educadora – Duque de Caxias

O que eu mais gosto do projeto é o que a gente faz pelos outros, pra mudar o mundo. Porque a gente consegue mudar o mundo, as crianças, as professoras... (Jovem Mediadora, Comunidade Educadora).

Em seu plano de ação de 2008 afirmam:

O projeto Comunidade Educadora teve início em 2006, no bairro Olavo Bilac, em Duque de Caxias [...]. Partindo do conceito divulgado pela UNESCO de “Cidades Educadoras”, a CARE Brasil e o Colégio Estadual Guadalajara desenvolveram o conceito “Comunidade Educadora”, que se propõe a articular escolas, organizações comunitárias e indivíduos residentes dentro de uma comunidade específica, em torno de ações articuladas e integradas de promoção do bem comum, tendo como principal estratégia a ação protagônica e voluntária do jovem dentro da comunidade.

A coordenadora do projeto nos conta que “sempre foi proposta da escola trabalhar com a comunidade, trabalhar com a mobilização dos jovens”. E que o eixo de leitura tem como objetivo levar à comunidade o acesso ao livro. “Desta forma, buscam assegurar um direito negado à população, pois entendemos a leitura como uma estratégia de intervenção na realidade a partir dela. Além de ser um mecanismo para quebrar com ciclos de pobreza, fruto do descaso governamen-

tal.” Seu foco principal é a formação do jovem mediador, que atua realizando rodas de leitura em sua escola e em outros espaços da comunidade. “Assim, através da ação dos jovens, que se mostraram excelentes mediadores junto a outros jovens, buscam mudanças sociais na realidade local”. Eles têm reuniões quinzenais para planejamento das atividades. A coordenadora e alguns destes jovens mediadores nos falaram sobre o funcionamento do projeto e a importância dele em suas vidas.

Hoje nós temos dez jovens como mediadores de leitura, bolsistas do projeto. Eles recebem uma ajuda de custo para fazer essa ação voluntária nas escolas. Eles passam por encontros quinzenais, de capacitação, para pensar temas, para planejar opções e tudo mais (Coordenadora, Comunidade Educadora).

Você atua em um eixo só, mas aprende os outros também: educação ambiental, memória. Aprende um pouco de cada e muda muita coisa na nossa vida (Mediador, Comunidade Educadora).

Há um processo formativo para cada um dos eixos que integram a Comunidade Educadora: educação ambiental, projeto memória e projeto de leitura. Já formaram mais de noventa mediadores. Atualmente o projeto desenvolve ações dentro destes três eixos de forma integrada.

O Projeto Comunidade Educadora está com três vertentes, mas elas se interligam. Então, por exemplo, as ações de educação ambiental alimentam as ações de leitura. Tem pastas que são montadas com materiais recicláveis, elas vão para formação, tem livros que são selecionados que vão pras tendas... Então, essas ações, elas alimentam umas às outras (Coordenadora, Comunidade Educadora).

Em 2008 o projeto atuava, ao todo, em três escolas públicas estaduais, três escolas públicas municipais, uma escola privada, três creches públicas municipais e uma associação de moradores, em

bairros como Olavo Bilac, Jardim Leal e Gramacho, em Duque de Caxias. São cerca de mil crianças e jovens atendidos diretamente. Segundo eles, suas ações atingem “mais de duzentos jovens estudantes com ações diretas e formação e mais de duas mil crianças, adolescentes e jovens com ações multiplicadoras”.

O projeto entrou em uma nova fase no ano de 2008, quando as decisões passaram a ser tomadas de forma coletiva, por um Grupo de Articulação e Mobilização Estratégica (AME), que se reúne uma vez por mês e conta com a participação de representantes de treze instituições. Esse grupo parece funcionar no sentido de uma gestão coletiva e transparente, com as decisões sendo tomadas em conjunto. Segundo a coordenadora, esse grupo vai definir as diretrizes do projeto. A partir desse grupo, criaram uma atividade chamada de DICAs – Diálogos Comunitários de Aprendizagens. Nessas DICAs são discutidas questões relevantes, como a da violência local, e definidas coletivamente algumas ações e articulações.

Diante da situação de violência que estamos enfrentando, nosso primeiro DICAs deste ano foi sobre o tema da violência. Refletimos sobre as questões sociais que a alimentam, discutimos como é que essa violência se manifesta dentro das escolas e no fazer pedagógico.

Estamos trazendo profissionais que estão nos ajudando a pensar essa questão e aprovamos alguns encaminhamentos para enfrentar a situação.

No nosso primeiro DICAs contamos com mais de setenta pessoas, porque a questão da violência é uma questão que está mexendo muito com esta comunidade. E estamos encaminhando as propostas que foram aprovadas pelo coletivo (Coordenadora, Comunidade Educadora).

d) Esquina do livro – Campinho

Um sonho que se tornou realidade.⁷

Este projeto, nas palavras de suas criadoras, é “um sonho que se tornou realidade”. O sonho de possibilitar o acesso a “livros bons,

⁷ <http://www.esquinadolivro.org.br/projeto.asp>.

novos e bonitos a comunidades de baixo poder aquisitivo”. A biblioteca foi criada em 2004 e fica em Campinho, Zona Oeste do Rio de Janeiro. Esta localização foi definida a partir do desejo de instalá-la em um lugar onde ainda não existisse uma biblioteca. Elas contaram que foi uma luta para o espaço ficar como está hoje. Quando chegaram já funcionava ali um grande projeto da Pastoral do Menor, o Centro Esportivo Armindo da Fonseca, que oferecia aulas de artesanato, informática, reforço escolar, escolinha de futebol, etc. Atualmente a Pastoral do Menor saiu e algumas escolinhas estão precárias e outras foram fechadas.

A equipe relata que inicialmente o espaço funcionava como biblioteca e como local destinado ao reforço escolar. A aprendizagem e a leitura tinham um modelo mais escolarizado. Através da parceria com o Prazer em Ler, passaram a ter foco na literatura. Perceberam a importância de a criança estar ali com prazer na leitura. No início ocorreu muita evasão. Contam que as crianças resistiam à leitura, queriam brincar, desenhar, mas que depois as atividades tiveram boa aceitação. Estão se apropriando do espaço. Ainda se percebe uma certa ênfase na organização e no bom funcionamento da biblioteca, assim como na educação das crianças, sendo considerado muito importante o respeito às normas de conduta e aos horários de atendimento, visando uma “convivência construtiva”. O clima é acolhedor e afetivo, a equipe demonstra gostar de ler literatura e de realizar o trabalho na Esquina do Livro.

A biblioteca é bastante organizada, tem um ambiente agradável e um acervo muito bom, pois recebem doações constantes. Trabalham lá uma coordenadora, três mediadoras e uma estagiária, sendo que apenas esta última mora na comunidade. Segundo dados fornecidos pelo projeto, a biblioteca atende cerca de cem crianças e adolescentes da comunidade e redondezas.

Até o momento, o horário da biblioteca é de segunda a sexta-feira, sendo que às segundas e quartas-feiras está aberta para a comunidade de 9 às 16h, com atividades livres; às terças e quintas-feiras ocorrem mediações de leitura, para crianças de 6 a 9 anos (de 9 às

10h e de 14 às 15h) e para crianças de 10 a 14 anos (de 10 às 11h e de 15 às 16h). Às sextas-feiras, a biblioteca funciona para as crianças da Escola Municipal Paraná, que fica próxima.

Em 2005, a Esquina do Livro estabeleceu parceria com a UNESCO e, em 2006, com o Instituto C&A. A partir desta parceria montaram o Bazar da Esquina, aberto às quartas e sábados, e abastecido com doações de material de refugo das lojas de Madureira e de Bonsucesso. Relatam que o bazar é uma fonte de renda importante para despesas do projeto. Fizeram também parceria com o Projeto Ler e Abraçar, para a formação de educadores em literatura infanto-juvenil, que faz encontros mensais aos sábados. Tiveram ainda a colaboração da Faculdade de Produção Editorial da UFRJ, para fazer o material de divulgação do projeto. E, no momento, estão implementando o projeto Horta da Esquina, com o Rio Hortas, que oferece formação na área e uma bolsa para o responsável pela horta. Em uma conversa com a coordenadora e a idealizadora do projeto, elas relataram certa dificuldade na relação com essa comunidade, sobretudo no que se refere à disponibilidade de mão de obra e ao interesse pelos cursos oferecidos.

Um dos destaques da biblioteca realmente é a quantidade (acervo de seis mil livros) e a qualidade de livros, inclusive livros recém-lançados e todos em bom estado. Existe também um grande acervo de livros não infantis. Sempre que podíamos, estávamos explorando esses livros, sentadas nas belas cadeiras de palha que eles possuem.

e) Meninas e Mulheres do Morro – Mangueira

Mudou alguma coisa em sua vida desde que você começou a trabalhar com a leitura?

Mudou muito. Você começa a pensar de outra maneira, ter outra visão do lugar que você mora e a conhecer mais. Acho que o conhecimento vem através da leitura (Instrutor de informática, Meninas e Mulheres do Morro).

A Associação Meninas e Mulheres do Morro é uma ONG que fica na Mangueira. Desde sua criação, tiveram que mudar de lugar

diversas vezes. Relataram uma grande luta travada no sentido de conseguir uma sede, um local apropriado para instalar a biblioteca:

Nós tínhamos vontade de trabalhar, tínhamos público mas não tínhamos um lugar de sede. Saímos do Centro Cultural e houve muita confusão. [...] A gente não tinha uma sede, então funcionava o bazar de 8 às 12h, aí nós almoçávamos e depois eu ficava com [...] aquela situação complicada, porque quando chovia a gente tinha que ficar literalmente dentro do bazar mesmo e o espaço, vocês vão ver como é pequeno pra dar uma aula pra 15 adolescentes (Mediadora, Meninas e Mulheres do Morro).

Depois ficaram algum tempo em uma biblioteca desativada. Mas após cerca de oito meses lá, foram “convidadas” a se retirar.

E a gente se desesperou porque a gente tava no meio de um desfile, a gente tava preparando um desfile pro 20 de novembro pra comemorar Zumbi que falava da nossa raiz. A gente fez muita roupa de orixás e eram coisas grandes, e não tinha onde guardar (Mediadora, Meninas e Mulheres do Morro).

Ficaram, então, provisoriamente, na garagem da casa de uma conhecida. Em seguida, conseguiram um espaço na fábrica desativada da Alcoa, um local do governo federal, que estava emprestando o espaço para algumas associações da comunidade que não tinham espaço. Ficaram lá por cerca de dois anos. Sobre isso relatam:

Mas lá também a gente criou uma história muito bacana. Porque o Instituto, já com a presença da Áurea, uma vez nos visitou e achou incrível como um grupo de pessoas tinha tanta vontade de trabalhar num lugar tão precário. Porque uma coisa é você trabalhar no seu espaço; outra é você trabalhar no espaço dos outros, que até mural você tinha que fazer com cuidado para não estragar a parede (Mediadora, Meninas e Mulheres do Morro).

A partir da parceria com o Instituto C&A, conseguiram comprar uma casa na comunidade e fazer as obras necessárias para o funcionamento da biblioteca, ainda com muito esforço e enfrentando inúmeras dificuldades, como problemas com a obra, falta

de esgoto, questões relacionadas ao tráfico de drogas existente na comunidade, etc.

A biblioteca funciona de 8 às 11h e de 14h às 17h. O funcionamento se dá da seguinte forma: quando as crianças chegam há um primeiro horário livre, para ler o que cada um escolher. As educadoras observam e algumas vezes dialogam com as crianças e jovens sobre a leitura ou sobre o livro, buscando, segundo elas, despertar o interesse. Depois desse momento fazem a roda de leitura, quando as mediadoras leem para as crianças. Fazem também empréstimos de livros, salientando que próximo dali funciona apenas uma biblioteca no CIEP da Vila Olímpica, sendo que há uma outra, estadual, que está fechada.

Possuem parceria também com um grupo da UERJ (Caqui), o Tear, onde fazem cursos esporadicamente, e com uma enfermeira da Vila Olímpica, que vai uma sexta por mês fazer uma palestra sobre saúde a partir de um tema escolhido pelas crianças.

Percebemos que o fato de a maioria da equipe ser formada por pessoas experientes, que convivem há muito tempo e que moram na comunidade, fortalece os elos existentes e possibilita o enfrentamento e a superação das dificuldades, assim como a continuidade do projeto. Existe união e amizade entre os membros da equipe e grande vontade de continuar fazendo o que fazem hoje. Relatam que a população atendida pela biblioteca vem crescendo e mostram-se animadas para o futuro:

Começamos com 15, passamos pra 25 e hoje temos inscritas no papel 105 crianças. Mas, aquela frequência boa são 80, 90, por aí (Mediadora, Meninas e Mulheres do Morro).

Outro fato a ser destacado diz respeito ao funcionamento do bazar, que consegue realizar boas vendas e gerar renda significativa para o projeto. É importante, aí, tanto um trabalho de customização das roupas quanto uma rede que se estabeleceu para a venda destes produtos do bazar.

Tem épocas que você tem doações até cinco vezes ao mês, tem época, como agora, que a loja está vazia. [...] A gente aproveita tudo, no buraco elas fazem crochê..., e a gente ganha. Este sapato preto que foi doado pra gente, a gente tem vendido muito bem. Nós já vendemos caixas e caixas, porque uma coisa legal que nós conseguimos fazer é o seguinte: todos os casacos, assim como os sapatos, a gente viu que a gente formou, como se pode dizer, não é uma cooperativa, alguma coisa assim. Tinham umas pessoas que vinham aqui e levavam. Aí outro pedia, vinha aqui e levava. Aí a pessoa percebia que ela conseguia vender este produto, aí levava tantos casacos, tantos sapatos. Aí vinham. E conforme ia aumentando a encomenda, eles vinham pegando. Então, quer dizer, esses casacos nós acreditamos que tem em todos os bairros do Rio de Janeiro (Coordenadora, Meninas e Mulheres do Morro).

Análise: Leituras em Elos



3)) Análise: Leituras em Elos

a) Conceito de elo

Desde o início da vida, a criança estabelece elos e é constituída por estes elos – trata-se de um mesmo movimento. Os elos, como canais de conexão, se tornam referências para a criança ser e existir no mundo, alimentando um desenvolvimento construído na relação dinâmica com o território que habita. Compreendemos a criança como um ser em formação, ativo em sua sociedade; transmissora e criadora de sua cultura. Neste sentido, a sua capacidade de estabelecer elos fortes e duradouros tem importância fundamental para o presente e para as gerações futuras.¹

O foco da pesquisa realizada são os elos produzidos e fortalecidos com as diferentes práticas de leitura apoiadas pelo Instituto C&A que integram o programa Prazer em Ler. Através de visitas a campo, da nossa participação em algumas atividades, de conversas abertas e entrevistas semiestruturadas (com a caixa de surpresas), levantamos um rico material para a elaboração desta análise.

Entendemos que o elo é fruto de uma prática, é uma relação criadora que possibilita o movimento de subjetividades e mundos, de vidas e contextos sociais. É através dos elos que as crianças são cuidadas e se relacionam com o mundo, se alimentam, crescem e se fortalecem vivendo em sociedade. O elo vem com a experiência, caracterizando-se pela reciprocidade e pelo compartilhamento. Os elos construídos e alimentados entre pessoas, livros e comunidades, por exemplo, podem formar leitores e cidadãos, indivíduos autônomos e singulares. O elo alimenta e conecta os indivíduos com suas comunidades, numa dupla captura. Elos fazem com que as coisas e as pessoas, os encontros e os afetos, gerem pertencimento e engajamento. Ao vislumbrar os *elos* que são criados e nutridos com a

¹ Trecho retirado do relatório “Elos na Rede”, 2008. Definição que começa a ser elaborada por Irene Rizzini e equipe do Projeto Rede Brincar e Aprender (Carla Daniel Sartor, Nathercia Lacerda, Isabella Massa de Campos e Alexandra Pena. Rio de Janeiro: CIESPI, 2006).

prática da leitura, investigamos uma noção viva, móvel e em estreita relação com as forças presentes em determinados territórios: crianças, jogos, histórias, memórias, amizades, afetos e a própria prática dos projetos em curso. Enfim, os elos estão presentes na mudança das relações que cada um pode ter consigo e com o outro. Falamos de ampliação e fortalecimento de relações, de universo.

Trata-se de estar em contato com o mais concreto destes projetos – seu fazer – e poder identificar os elos que se formam a partir da experiência daqueles que dele participam.

Os elos são encontrados na experiência. Portanto, não são objetos separados da matéria viva que nos permite conhecê-los, mas estão em estreita relação com nossos corpos, pensamentos e maneiras de sentir o mundo e a nós mesmos. Em grande parte dos casos os elos não são conhecidos conscientemente pelos participantes, pois no plano da ação poucas vezes somos levados a perceber aquilo que nos coloca em movimento, nos atrai ou nos provoca repulsa. Agimos através de hábitos contraídos e pensamentos corporificados. No encontro entre pesquisadoras e campo investigado, buscamos articular a noção de elo também através de perguntas diretas (“Se você fosse daqui para outro lugar, o que levaria? Quando está em casa, o que é gostoso lembrar? Como você contaria da biblioteca para um amigo ou para um desconhecido?”). Os elos, muitas vezes, são detectados nas associações (quando pensamos em livro, vem prazer, história, imaginação). Ao final das entrevistas, perguntamos o que entendiam por elo, explicitando que não se preocupassem com definições certas ou erradas. (“Vocês sabem que a pesquisa que a gente está fazendo leva o nome de ‘Elos com Prazer em Ler’. A gente quer saber o que vocês, individualmente ou em grupo, entendem por *elos*. O que é um elo pra vocês?”). As respostas nos ajudaram a avançar em nossas formulações:

Elo pra mim é construção de alianças, interação de grupos, socialização de ideias, dividir as ideias. É como uma rede (Mediadora, Meninas e Mulheres do Morro).

Estar sempre atrelado. [O elo] faz uma corrente: eu, ela, você. Estar sempre atrelando alguém pra chegar num objetivo. Isso que eu vejo mais como elo. Também dividir informação, pegar aquela informação e dividir. Eu recebo informação, eu passo pra ele, ele passa pra ela, que passa para as crianças; de uma nova forma, dando as mãos, seguramos aquele objetivo forte e indo sempre em frente (Mediadora, Meninas e Mulheres do Morro).

O que eu entendo por elos é mais ou menos o que elas falaram, um elo que se cria para estar fazendo este trabalho, para estar realizando. Porque, na verdade, realizar um trabalho social ainda tem suas dificuldades. Então, pra ele ser realizado, você cria um elo com uma instituição te ajudando, pra estar te guiando, te passando informações. A informação não pode ficar com você, ela tem que se disseminar. Entendeu? Então é mais ou menos isto que é pra mim um elo (Mediadora, Meninas e Mulheres do Morro).

Eu não sei se eu vou saber definir o que é elo, mas eu acho que é esse envolvimento da gente, comunidade, escola. Eu acho que a gente criou um elo. [...] É tudo isso junto. É a nossa formação, o nosso gostar de ler, o nosso comprometimento como profissional, o chamar a comunidade, o envolvimento da comunidade, da escola, do espaço. Então eu acho que isso são elos que você vai criando (Mediadora, Esquina do Livro).

Destacamos com as falas recolhidas como os elos aparecem na valorização do outro e do trabalho, no respeito mútuo e como parte dos momentos em que há abertura para conquistar, tecer, construir e nutrir. Os elos são relações que envolvem promoção e fortalecimento de encontros, conexões, laços.

Deixa eu dar um exemplo, com a Escola Paraná. Esse nosso trabalho junto aos professores. Não sei se eu vou saber te explicar direito. A gente já criou esse elo na escola, do nosso trabalho, deles valorizarem esse trabalho. Por exemplo, a gente considera o nosso trabalho importante. Se não vai haver aula hoje a coordenadora liga e avisa. Deu para responder? (Mediadora, Esquina do Livro).

A gente, com nosso comprometimento, a gente consegue apaixonar outras pessoas. Então há pessoas comprometidas e pessoas não comprometidas. Elo é comprometimento porque a gente é apaixonado e a gente conseguiu fazer com que ele se apaixone. Por exemplo, as crianças chegam aqui ou pelo orkut. Já cansei de receber mensagens: gostei do livro tal. Tem uma adolescente que lê muito, que foi uma conquista nossa. Então ela vem e comenta todos os livros que ela lê. É uma coisa que a gente já conquistou. Foi criado um elo. Tem vezes que eles indicam um livro pra gente. Quando é que a gente podia imaginar que isso ia acontecer? Então, é elo da parte deles também (Mediadora, Esquina do Livro).

Elo pra mim é essa ligação. O que está interligado. Estou interligado ao outro e fazendo esta correlação e essa relação de conjuntos (Mediadora, CECOM).

Elos que eu entendo, são os parceiros que a gente tem, que é o CIESPI, o C&A, o posto que é uma parceria, tem o SESC, às vezes a gente tem parceria deles. A escolinha, tem a Val que é uma parceira também. Acho que é isso. São esses elos que a gente tem aqui (Mediador, Água Mineral).

Eu acho que quando você pensa em elos, você tem um trabalho como esse. Os elos são todos os laços externos que a gente tem. Todos esses braços que se estendem para fora, para as parcerias. Para as crianças, para as famílias. Acho que já existem alguns elos que estão consolidados. Acho que precisam se consolidar mais ainda. Acho que a gente precisa de mais elos na comunidade (Mediador, Água Mineral).

Eu acho que a comunidade já é uma grande construção de elos. O elo das instituições aqui perto. O elo pra mim é uma ação, uma ação complementar. É você somando forças com outros, é você criando isto. A associação tem uma estrutura, tem a gente que entra com o que pode criando um elo a mais, alimentando, atendendo a demanda deles e eles atendendo a nossa. Essa é a rede que a gente quer construir aqui, criando esses elos pra ver se as instituições se percebem enquanto educadoras, e se comprometem com esta comunidade cada vez mais. Porque a gente não pode perder nunca isso de vista, porque mais do que instituições, nós estamos lidando com

peças, seres humanos. [...] Elos de instituições e elos de pessoas nessa construção (Equipe, Comunidade Educadora).

A leitura contribui cada vez mais com esses elos, para as pessoas não só ampliarem a sua visão, mas para estreitar mais, para elas se tocarem mais, se enxergarem (Mediador, Comunidade Educadora).

Não só do afetivo, mas também de se enxergar mais, de enxergar mais o seu papel dentro da instituição e no campo do pessoal também. Das afinidades, das pessoas irem cada vez mais se respeitando, se valorizando e somando (Mediador, Comunidade Educadora).

A seguir, apresentamos os principais elos encontrados nas iniciativas investigadas. Consideramos relevante apontar que a leitura é um atravessamento comum, no sentido em que elo é prática compartilhada neste tempo e nestes espaços. Com a análise, pudemos verificar que os elos criados e alimentados com as diferentes iniciativas que participam do Programa Prazer em Ler têm a leitura como força conectora. Os elos com a leitura, os elos mediadores, os elos territoriais e comunitários, assim como os elos com o Prazer em Ler são possíveis como decorrência deste atravessamento literário que está presente em todas as práticas. Como afirmou uma mediadora do CECOM, “a leitura tem abertura para articular-se com todas as outras práticas”.



b) Elos com a leitura

Talvez não haja na nossa infância dias que tenhamos vivido tão plenamente como aqueles que pensamos ter deixado passar sem vivê-los, aqueles que passamos na companhia de um livro preferido (Proust, 1989).

Não o li de uma vez: li aos poucos, algumas páginas de cada vez para não gastar. Acho que foi o livro que me deu mais alegria naquela vida (Clarice Lispector, 2004, sobre o livro *Reinações de Narizinho*, de Monteiro Lobato).

Eu mudei. Lia, lia pra minha prima. Aí minha tia me perguntou: que livros são esses que você traz? Como é isso? Eu expliquei e ela ficou encantada. A paixão transbordou (Voluntário C&A, Comunidade Educadora, 2008).

Lançar mundos no mundo

Livro

Caetano Veloso, 2004.

Tropeçavas nos astros desastrada
Quase não tínhamos livros em casa
E a cidade não tinha livraria
Mas os livros que em nossa vida entraram
São como a radiação de um corpo negro
Apontando pra expansão do Universo
Porque a frase, o conceito, o enredo, o verso
(E, sem dúvida, sobretudo o verso)
É o que pode lançar mundos no mundo. [...]

Como já foi dito anteriormente, os elos com a leitura são não só fundamentais nas iniciativas pesquisadas, como também transversalizam todos os outros elos. O livro e a leitura surgem como os grandes atrativos, os catalisadores destas diversas práticas. Destes pontos bifurcam muitos outros e, desta forma, outras conexões, outros elos vão se formando. Sem os livros, nada disso existiria. Vemos, então, como os livros lançam mundos no mundo.

Com Paulo Freire consideramos indispensável “uma compreensão crítica do ato de ler, que não se esgota na decodificação pura da palavra escrita ou da linguagem escrita, mas que se antecipa e se alonga na inteligência do mundo” (Freire, 1982, p. 11). A alfabetização não pode ser reduzida ao ensino da palavra, das sílabas ou das letras, sendo percebida “como um ato político e um ato de conhecimento, por isso mesmo, como um ato criador” (p. 19). De acordo com esta perspectiva, existe um movimento dinâmico entre a leitura do mundo² e a leitura da palavra. E essa relação dinâmica abre a possibilidade de ler o mundo de outras formas e de transformá-lo.

Outra importante referência quanto a uma abordagem ampliada da leitura é o espanhol Jorge Larrosa, que desloca o foco do processo da leitura para se interessar pela leitura na perspectiva do leitor.³ Para ele, “ler serve, sobretudo, para se fazer perguntas”, mas sublinha que estas devem ser formuladas pelo próprio leitor e não ser uma simples repetição de perguntas lidas (Larrosa, 2003a, p. 316). Assim, a leitura envolve liberdade e criação. A partir dos efeitos do texto no leitor, “das ressonâncias que se produzem na cabeça de cada um, na biblioteca de cada um” (idem, p. 317), é que ele poderá inventar perguntas. Larrosa se diferencia de “enfoques da leitura derivados do triunfo da ideia tecno-científico-positivista da educação”, que entendem a leitura como um processo cognitivo de compreensão, bem como daqueles que “se empenham em manter a velha ideia humanística” da leitura como meio de formação do caráter. Para ele a leitura é um acontecimento de liberdade e pluralidade, uma aventura ao desconhecido, um espaço de transformação (Larrosa, 2003b).

Em agosto de 2008 participamos do 6º Festival Recifense de Literatura – A Letra e a Voz. Nesse festival tivemos contato com a colombiana Sílvia Castrillón, forte e gentil presença. Naquela ocasião ela pontuou alguns conceitos em relação à leitura. Um deles a considera como um espaço de múltiplas expressões e interesses,

2 Ver Freire, 1996 e Lajolo, 2002.

3 Nesta perspectiva, ver também Cabral, 2006.

que muitas vezes entram em conflito. A leitura pode ser um meio de criação, de significação, de consumo, de enriquecimento pessoal, de recreação, entre outros. Porém, quando a leitura está a serviço do desenvolvimento econômico, muitas vezes não está a serviço do desenvolvimento humano. Para esta autora, portanto, considerar a leitura como luxo é associá-la apenas ao lazer, à recreação. O importante é reafirmar que ler e escrever são direitos.

A literatura não traz respostas, mas permite que compartilhe-mos dúvidas, angústias, questões. A literatura força a pensar. Assim como os trabalhos realizados nas bibliotecas comunitárias pesquisadas, o programa desenvolvido na Colômbia por Silvia Castrillón incide sobre práticas da leitura, acreditando que o leitor se forma com leitura, escrita, pensamento, fala e escuta. O tema da oralidade está ligado à forma como dizemos e como escutamos o outro. Segundo Castrillón, a escuta tem sido pouco desenvolvida na escola. Com frequência, não há práticas de socialização das leituras. Caso ocorressem, estas práticas poderiam gerar confiança nos alunos. Mas nas escolas, geralmente o ato de ler está associado a obrigação. O prazer da leitura não se dá de imediato, mas é construído e conquistado. Ele é paralelo à formação do leitor. Muitas vezes esse prazer é erroneamente associado a facilidade. O prazer em ler exige um esforço inicial. A construção do prazer em ler vem em paralelo à construção do leitor. É algo que se conquista com o tempo.

A experiência da leitura

Elo, prazer, paixão, afetos, surpresas, vida. Palavras que imediatamente associamos às relações existentes entre pessoas. Entretanto, como ouvimos nas entrevistas, essas palavras também são muito utilizadas ao se falar sobre a leitura:

Esse livro (*A Menina que Roubava Livros*) [...] é maravilhoso. Eu nunca tinha lido um livro igual a ele. É um livro que te apresenta os personagens. Esse livro mudou minha visão de leitura. Eu chegava abraçada com o livro.

Quando eu estava acabando, eu ficava lamentando. Eu nunca tinha vivido isso, um livro de 500 páginas e eu chegava da faculdade louca para chegar em casa e ver qual era o próximo capítulo, o que a menina ia fazer. Parecia que eu tinha ganhado uma nova amiga que era a personagem. Achei que isso foi tão mágico e aí, quando estava acabando, comecei a ficar triste porque era como se eu tivesse me despedindo dela (Mediadora, Água Mineral).

Eu também fiquei apaixonada por esses. [...] eu lembro que eu não tinha paciência de ler um livro completo, a não ser na escola que era obrigado. Foi uma prima minha que deixou na minha casa e peguei pra ler numa tarde chovendo, não tinha nada pra fazer, nada na televisão de interessante e eu li e não queria dormir enquanto não acabava e no dia seguinte li outro e depois outro, fiquei viciada. Ficava ansiosa de não ler (Mediadora, Meninas e Mulheres do Morro).

O que poderia explicar isso? Que potência é essa que porta a leitura? Que forte elo é este que se estabelece entre leitores e livros, que faz com que se expressem nestes termos? Nesta perspectiva, a leitura surge como uma experiência, como explica Larrosa: “É experiência aquilo que ‘nos passa’, ou que nos toca, ou que nos acontece, e ao passar-nos nos forma e nos transforma. Somente o sujeito da experiência está, portanto, aberto a sua própria transformação” (2003b, p. 163). Ter uma experiência é constituir-se em um território de passagem, algo como uma superfície de sensibilidade na qual aquilo que se passa afeta de algum modo, produz alguns afetos, inscreve algumas marcas, faz brotar alguns efeitos, deixa alguns vestígios. Quando temos uma experiência, algo se passa conosco, algo nos acontece. Um dos componentes fundamentais da experiência é sua capacidade de transformação. No contato com a literatura, como na vida, podemos viver experiências. Leitura é vida também.

Eu tinha vinte anos e devia escolher entre a literatura e a vida. Escolhi as duas, convencido de que a literatura tinha que ser vida também. De fato, as tardes e manhãs iluminadas já não me bastavam. Por isso me voltara para a literatura. Não para fugir da vida ou negá-la e sim para acrescentar-lhe

o sentido que ela devia ter e não tinha. Noutras palavras: voltei-me para a literatura pensando resgatar a vida (Ferreira Gullar, 1999).

A prática da leitura não é sempre a mesma, existem diversas práticas de leitura e estas envolvem muitas dimensões. O historiador francês Roger Chartier estuda a multiplicidade de práticas de leitura encontradas ao longo do tempo. Segundo ele, é no encontro entre texto, livro e leitor que ocorre uma prática concreta de leitura que está para além de algo abstrato. A leitura se constitui como prática social encarnada em gestos, em espaços, em hábitos (Chartier, 1999, p. 13). E para Jorge Larrosa “entender a leitura como invenção, como criação, como experimentação no sentido que essa palavra tem nas ‘artes experimentais’, implica um rigor e uma exigência, um ascetismo inclusive, que nada tem a ver com o individualismo brando e um tanto preguiçoso de que cada um lê como lhe dá vontade” (Larrosa, 2003a, p. 240).

Ou seja, existem várias maneiras de ler, que se constroem a partir de conexões entre as múltiplas dimensões envolvidas no processo. A leitura como experiência abarca o ambiente ao redor, o acervo, o tapete, a micropolítica do local, os afetos, almofadas, livros, estantes, computadores, o ler em voz alta, os mediadores, a cozinha, o lanche, o clima, tirar os sapatos, a oração, os pesquisadores. Não se trata, portanto, de um simples ato, mas de toda uma atmosfera, um território, um acontecimento, uma experiência. A amplitude da experiência da leitura é o atravessamento de tudo isso e do que mais chegar.

Conquistando aos poucos

Como atrativo inicial à experiência da leitura, observamos a utilização de diversos dispositivos auxiliares que depois podem ser descartados quando o gosto pela leitura já se instalou.

As crianças voltavam pelo espaço que eu abria [...]. Tinha uma piscina velha... podiam usar com controle, sem a leitura não tem piscina. Voltavam

muito por causa da brincadeira, agora não, vão lá só pra pegar um livro (Parceira, Água Mineral).

Outro dia fui no Jardim Alcântara na inauguração da biblioteca comunitária [...] É uma comunidade com muitas crianças [...] Fiz uma asa de cartolina para cada uma. Aquilo mexeu muito com a gente. Uma delas carregava uma latinha com papéis amassados dentro, era filho de traficante que imitava o que o pai faz. O que fazer? Asas [...] A gente tem um trabalho árduo para fazer com que as pessoas percebam a importância da criança sonhar. De abrir uma porta para o mundo mágico (Parceira, Água Mineral).

Observamos também pequenas invenções cotidianas em cada uma das iniciativas visitadas. São formas de fazer que nascem a partir das necessidades vividas no dia a dia das bibliotecas e que contribuem na construção e manutenção dos elos com a leitura.

As bibliotecas realizam empréstimos de livros, mas, além disso, inventaram maneiras alternativas para fazer chegar os livros às crianças e famílias. A Comunidade Educadora, por exemplo, utiliza *cestas de empréstimo* com livros de estilos variados e um caderno de registro das famílias. Os alunos levam essas cestas para casa, leem os livros e fazem o registro de algum ‘causo’, história ou receita da família. E quando o aluno traz a cesta de volta para a escola ele lê o registro para a turma. A coordenadora explica: “com esta atividade buscamos levar ao cotidiano dos lares o hábito de compartilhar leituras”. Além disso, “no Comunidade Educadora realizamos atividades nas praças, nos asilos, igrejas e orfanatos, como recurso para, aos poucos, conquistar mais leitores para além dos muros das instituições educacionais, foco principal de atuação do projeto”.

Em Água Mineral existe a *Mala H2O* de leitura para as famílias; eles explicam: “você escolhe 20 livros que deseja ler e monta a sua mala! Ela pode ficar até 15 dias em sua casa para que toda a família também participe desta descoberta! A nossa equipe estará pronta para ajudar com sugestões”.

No CECOM criaram a *Mala Volante*, que acontece quatro vezes por mês, envolvendo cerca de 60 crianças, adolescentes e adultos

das casas visitadas. É uma atividade realizada na casa de pessoas da comunidade, onde são feitas leituras de títulos diversificados, buscando a transmissão do prazer em ler e o estreitamento dos elos com as famílias da comunidade. “Os familiares acolhem com grande satisfação a atividade proposta e participam com bastante empolgação.” A coordenadora considera que estes eventos estimulam a leitura e proporcionam interação, diálogo e troca de experiência de vida a partir do processo de leitura.

Alguns recursos empregados por eles a fim de driblar a falta de espaço ou levar a leitura a outros lugares são as tendas e o varal de livros. O *varal de livros e leitura* acontece nas salas da Comunidade Educadora de forma esporádica. As *tendas literárias*, onde são disponibilizados tapetes emborrachados, almofadas e livros, são montadas regularmente e são utilizadas para a realização de rodas de leitura em escolas que não possuem biblioteca. Eles planejam os temas junto com as professoras. O tema da próxima tenda ia ser o amor. Planejaram ler o livro *Mamãe você me ama?*, sobre uma família que mora na Antártida e que fala sobre amor de mãe e amor de família. O CECOM também possui a *tenda itinerante*, com a qual levam as práticas de leitura para a comunidade e adjacências.

Diferentes recursos são empregados no trabalho cotidiano nas bibliotecas com a leitura. Em Água Mineral, por exemplo, há um lindo *Tapete de Histórias*⁴ e uma grande lixeira que foi customizada para ser utilizada no transporte de livros. A Esquina do Livro registra as atividades e as impressões das crianças e mediadoras em seus cadernos de registro. Faz também painéis mensais sobre um autor e tem bonecos / personagens que as crianças podem levar para casa junto com os livros. Propicia ainda uma hora livre após o almoço, quando as crianças exploram os livros, e procura realizar constan-

4 Criado por Vicente Barros, professor de Design na PUC-Rio, que foi da equipe do projeto Rede Brincar e Aprender. Convidado pelo projeto Bibliotecas Comunitárias – Transformando Espaços do CIESPI, Vicente Barros realizou uma oficina junto aos mediadores de leitura para o desenvolvimento de um objeto lúdico-pedagógico, que resultou no *Tapete de Histórias*.

tes encontros com autores. No Meninas e Mulheres do Morro, nos contaram que fazem compras e indicações de livros personalizadas, isto é, de acordo com o interesse de cada leitor. E tem ainda a *roda do beijo*, recurso utilizado para resolver desentendimentos que eventualmente ocorrem entre as crianças.

Existem também no CECOM atividades como: *Pare e leia*; *Corrida do livro*; *Culminância*; *CINEARTE* – atividade realizada na terceira segunda-feira de cada mês com as escolas do bairro; *Pipoca com letras* – leitura e pipoca, quando se abre a possibilidade de troca a partir de uma atividade sobre ‘o livro que mexeu com minha cabeça’; a *Semana do Livro*, sobre a qual relatam: “Foi uma semana ótima que não cairá no esquecimento, pois existiu o prazer em despertar no outro o fascínio pela leitura de forma lúdica e significativa”; a *Maratona Cultural*, evento realizado na praça do bairro com tendas temáticas, teatro, contação de histórias, concurso de poesia etc.; o *Chá com letras*, evento realizado com as famílias da comunidade e frequentadores das bibliotecas, com a encenação da peça *A revolta dos livros*, escrita pelas mediadoras da biblioteca e que teve como produto um *livro virtual*, com histórias escritas e ilustradas pelas crianças e adolescentes e passadas em slides. Na biblioteca de Água Mineral são realizadas a *Hora do conto* – sábado às 10h, para crianças de 0 a 7 anos; *Cineminha com pipoca* – sábado às 11h, para crianças de todas as idades; além de *Maratonas de leitura*, que envolvem parcerias comunitárias e convidados a partir de um tema que emerge no trabalho de leitura desenvolvido na biblioteca, e *Oficinas de leitura e literatura*.

A Comunidade Educadora costuma realizar também uma grande atividade de praça para a comunidade no fim de cada ano, unindo leitura, educação ambiental e outras. E tem ainda *A Fúria da Leitura*, uma atividade desenvolvida pela rede municipal de ensino, quando em determinada data ocorrem diversas ações de estímulo à leitura.

No CECOM há *Passeios Culturais* a espaços como teatro, museu, feira do livro e pontos turísticos, escolhidos com o intuito de conhecer e valorizar a cultura da cidade e ampliar territórios, e o

Sarau de poesias, que segundo eles “são momentos especiais, trazendo a leitura em verso, em prosa, cantos [...] Esta é uma atividade de interação, emoção e trocas de experiências, pois acreditamos que é através destes sentimentos que se formam cidadãos”.

A equipe do Meninas e Mulheres do Morro realiza uma atividade recreativa chamada “Quarta na Quinta”, quando vão todos juntos para a Quinta da Boa Vista, fazem roda, leem, debatem e brincam ao ar livre.

Estas são algumas das pequenas invenções cotidianas encontradas, gestadas no dia a dia de cada uma das iniciativas visitadas e que refletem o movimento constante existente nestes territórios. Há um movimento nos elos. Estes não são estáticos, mas criadores e transformadores. Estas ações cotidianas corporificam mudanças, direções, empreitadas e constituem uma verdadeira rede que se estabelece para fazer funcionar a vida dentro e fora do programa, refletindo modos de ser e de fazer que permitem o estabelecimento e a manutenção dos elos com a leitura.



c) Elos Mediadores

Traduzir-se

Ferreira Gullar, 1980.

Uma parte de mim
é todo mundo:
outra parte é ninguém:
fundo sem fundo.

Uma parte de mim
é multidão:
outra parte estranheza
e solidão.

Uma parte de mim
pesa, pondera:
outra parte
delira.

Uma parte de mim
almoça e janta:
outra parte
se espanta.

Uma parte de mim
é permanente:
outra parte
se sabe de repente.
Uma parte de mim
é só vertigem:
outra parte,
linguagem.

Traduzir uma parte
na outra parte
– que é uma questão
de vida ou morte –
será arte?

Os mediadores se fazem entre livros e leitores

Os mediadores de leitura são elos. Estes elos apontam para o caráter conector da função mediadora entre livros e leitores.⁵ No caderno feito para o 7º Encontro de Educadores Mediadores de Leitura,⁶ o Programa Prazer em Ler define mediação como intervenção, intercessão, intermédio. Com o prefixo *inter*, mediação indica posição intermediária, reciprocidade, e se localiza, portanto, no campo da troca, das relações que são estabelecidas *entre* coisas, pessoas e conceitos; entre livros e leitores. Esta troca se dá por intermédio de uma terceira coisa, pessoa ou conceito, que tem como função produzir uma relação, um acordo, chegar a um consenso. A terceira força vinda de uma coisa, pessoa ou conceito, seria a leitura. Cabe pontuar que a função da leitura não é de modo algum utilitária, nem garante acordos. Se há relação e consenso a partir da leitura (literária) é porque há um compartilhamento de experiências que ancora os participantes num terreno comum. A mediação acontece no mesmo movimento de reciprocidade, de aprendizagem mútua, descoberta e invenção de si e do mundo, a partir de afetos suscitados pela leitura. O *mediador* é aquele que está *entre* histórias, entre livros e crianças, entre afetos e livros, entre espaços e modos de ler. A aparente redundância aponta para o teor transbordante do ato de mediar. Podemos pensar isto como um aspecto criador de novos elos.

O Programa Prazer em Ler tem trabalhado na perspectiva de que o educador mediador de leitura é figura central para a mudança de comportamento leitor nas comunidades onde está inserido. Seja através da biblioteca escolar, de salas de leitura em organizações não-governamentais ou de bibliotecas comunitárias, esses profissionais vêm atuando no sentido de promover o gosto pela leitura entre crianças, adolescentes e seus familiares.⁷

5 Como veremos mais à frente, a mediação acontece também em outros âmbitos: entre as crianças, entre crianças e escola, entre a equipe que realiza o projeto em curso, entre os participantes e a comunidade.

6 3Apostila, maio 2008, pp. 51-52.

7 Apostila “O Programa Prazer em Ler no contexto nacional da promoção da leitura”, dezembro 2008, p. 16, mimeo.

A gente conduz o processo, mas nem sempre só a gente conduz. A gente colabora para conduzir isso (Mediador, reunião coletiva no CIESPI).

Destacamos que os elos mediadores têm grande valor nas práticas de leitura investigadas. Eles são, muitas vezes, responsáveis pela aproximação das crianças e pela permanência delas nos espaços. Esta importância foi detectada nas dinâmicas observadas e também verbalizada *pelos* crianças quando perguntadas sobre o que dali gostavam, o que lembravam em casa ou o que levariam dali se fossem para outro lugar. Em todos os espaços, foram nomeados livros, amigos e muitos se referiram aos mediadores.

A mediação cria grupos, monta redes. Grupos de jovens e adultos, mediadores ou não, trocam experiências com a leitura e sentem-se unidos, como amigos e até mesmo como familiares. Ao participarmos de atividades no CECOM, sentíamos que havia ligação entre os mediadores. Os assuntos circulavam por histórias lidas, questões administrativas, casos vividos com as crianças participantes e pelo desejo de adotar filhos. Um jovem mediador da Comunidade Educadora conta que o que o liga ao projeto é principalmente “uma família que foi construída”. Outros se referem às amizades conquistadas no projeto. Isto acontece nos espaços de leitura e também ao redor, com a comunidade, por onde a mediação se estende.

Eu acho que todo mundo aqui aprendeu muito. Eu aprendi muito e sei que vou aprender sempre. O projeto não é só leitura. Antigamente eu era muito nervosa, falava rápido. Diminuiu minha ansiedade. A timidez? A leitura *deleta*. [...] O projeto é uma família... Volto pra casa super feliz (Mediadora, Comunidade Educadora).

Os mediadores estão em contínua formação e, como pudemos apreender, se fazem mediadores ao praticarem a mediação. Quase todos os mediadores entrevistados relataram um aprendizado em relação à leitura, principalmente ao gosto por ela, fazendo referência ao Prazer em Ler.

Começamos essa coisa de inserir a leitura no nosso dia a dia. Mas com medo de usar o livro. A Rosângela vinha e falava que não se usava livro em atividade, que livro era pelo prazer de ler. Antes a gente pensava em usar o livro para desenvolver alguma coisa. E foi a partir dali que a leitura começou. Aí eu voltei a ler. Confesso, porque eu já tinha perdido o hábito. Não adianta você falar para a criança ler se você não lê (Mediadora, Meninas e Mulheres do Morro).

Eu sempre gostei de ler, mas eu gostava mais de livros como o *Harry Potter*, livros que fossem de filme. Agora eu gosto mais de suspense, que dá medo. Sei lá, parece que vai mudando, parece que depois daqui muda tudo, o jeito de falar, muda a cabeça, abre (Mediadora, Meninas e Mulheres do Morro).

Literatura pra mim nunca foi muito fácil, era aquela coisa escolarizada mesmo. Eu também trabalhava daquela forma. Quando eu entrei aqui é que eu comecei a ver outras coisas, minha mente começou a abrir. A gente vai se tornando cada vez mais cidadã e a gente vai pegando uma certa autonomia como leitora. Eu começo o livro... ah, não gostei desse livro, eu fecho e tudo bem. Eu não aceitava muito estas coisas. Acho que aprendi muito em relação a este projeto. A gente, mesmo como profissional, se abre mais em relação a isto (Mediadora, Esquina do Livro).

Nas falas acima, ressaltamos o elo entre o aspecto profissional, o gosto e o aprendizado. Notamos como a mediação e o desenvolvimento do projeto vai formando o gosto pela leitura. Daniel Pennac, em *Como um romance* (1993), trata desse tema dizendo que o verbo ler, assim como o amar, não suporta o imperativo. Isto é, não se ensina através de palavras de ordem. Há uma descoberta na relação com o livro e com a leitura. A obrigação de ler e interpretar precisa dar espaço para uma leitura mais prazerosa e livre, possibilitando que o leitor desenvolva uma receptividade ativa, para ser sensibilizado e transformado pelo que lê. Os mediadores são canais por onde um processo de aprendizado do gosto pela leitura se dá. Trata-se de um prazer em ler, completamente diferente de uma leitura por obrigação, usualmente acompanhada de sentimentos de incapacidade ou inabilidade.

O espaço ajuda muito a gente a enxergar a leitura de uma outra forma. A gente cresce desde pequenininho acostumado que é importante ler. Você acaba sendo obrigado a ler para adquirir um determinado conhecimento. A gente acaba crescendo com essa visão da leitura, essa leitura obrigatória. Porque se você não ler você não vai aprender. Quando na verdade não é bem assim.

Você pode encontrar o prazer na leitura. Você pode ter essa liberdade, essa intimidade de pegar um livro. Se você ler, ótimo, se você não gostou você pode pegar outro. Não tem aquela coisa de pegar só pra você estudar. A leitura é muito mais do que isso (Mediadora, Esquina do Livro).

A formação [do PPL] foi muito importante, porque pra você ser uma mediadora, ser uma dinamizadora, você tem que gostar de ler, não tem como. Eu sempre gostei de ler, mas eu achava que por estar lendo livro de literatura eu estaria perdendo tempo. Poderia estar lendo livro técnico, poderia estar usando o tempo para outras coisas também. Essa culpa acontecia muito comigo. Outra coisa que mudou comigo, apesar de eu ler muito, sou historiadora, eu nunca gostei de poesia. Ao entrar na biblioteca, passei a ser apaixonada por poesia, eu adoro trabalhar com poesia. Eu pego um livro de poesia, e eu não gostava, não percebia, não tinha sensibilidade pra-quele tipo de coisa. Um ano depois que eu entrei aqui tudo mudou. Então é isto, eu acho que a gente acaba se apaixonando também. Desta forma o trabalho fica mais fácil, você está fazendo ali o que você acredita (Mediadora, Esquina do Livro).

A gente está sempre abrindo novos caminhos, tentando melhorar. Eu acho que a gente tem que ser sensível, tem que ter sensibilidade com tudo que está acontecendo à nossa volta. Estar mais ou menos aberto a tudo que está acontecendo. Eu acho que o mais importante aqui, o que eu gosto mais de fazer, é trabalhar dessa forma, não ter respostas prontas, é estar aberto. De repente ver o que uma criança está me passando, o que o adolescente está me passando, o que eles querem. O lance é investigativo, eu vou tentar um caminho que passe por literatura, mas com a pessoa (Mediadora, Esquina do Livro).

Propagação, contágio, multiplicação

Michele Petit (2008) assinala a importância da relação personalizada na transmissão e no compartilhamento de um gosto pela leitura. Pontua que nesta relação o mediador é alguém que acolhe, que recolhe as palavras do outro e com ele estabelece um vínculo com afeto, sem deslizar para uma relação pedagógica. Neste movimento, “seu papel é o de estabelecer pontes”. O mediador cuida do espaço de encontro. Atento às crianças e aos livros, participando de passeios e da organização das atividades, o mediador acompanha as crianças e os jovens, coloca em movimento, estimula, possibilita a troca e o crescimento de uma rede de relações. Percebemos que ao transmitir gosto por aquilo que faz, há também uma transmissão de confiança. Isto cria elos. Elos também entre a equipe do projeto e a comunidade, posto que o mediador está naquele espaço todos os dias de trabalho, disponível para o encontro com as famílias e com os parceiros.

Os mediadores são pontes, articuladores, canais de afetividade. Com sua presença e sua prática, são uma conexão geradora de outras práticas e conexões que se articulam. Podemos observar um contágio na produção do gosto pela leitura, assim como no zelo pelo espaço comunitário. O sociólogo Gabriel Tarde, em seu livro *As leis da imitação* (1976), nos dá pistas e nos faz entender esse processo. Para ele, a aprendizagem e as transformações sociais acontecem por contágio, pelos inúmeros movimentos de imitações e invenções. Imitações diferentes de um macaquear, de fazer uma cópia. São imitações geradas por afetos que tocam e criam.

Crianças e adultos que antes não gostavam de ler relatam que, a partir da participação nos projetos, passaram a gostar:

No começo eu não gostava de leitura. A melhor coisa que aconteceu... a parceria..., o que aprendi, sobre responsabilidade... O que a gente é capaz de fazer, só depende de querer. Fazer de coração que é diferente de ser obrigado. Fiquei apaixonado. Sou um leitor que consegue passar essa paixão.

Leio para minha prima pequena. É gratificante. Cresci como pessoa também com o convívio com os alunos e equipe (Voluntário C&A, Comunidade Educadora).

Faxineira, porteiro... é contagioso. Os pais das crianças... tem uma mãe que está sempre nas rodas (Jovem mediadora, Comunidade Educadora).

Estou trabalhando para crescer nesse trabalho, aumentar meu leque de oportunidade e fazer com que as pessoas vejam a importância desse trabalho. Acho muito importante fazer com que a criança se interesse pela leitura. Eu não tive uma experiência muito boa com leitura. A gente não tinha livros, não tinha acesso. Era obrigado na escola. Mas minha mãe lia revistas, e me lembro bem dela lendo o Minotauro. Toda oportunidade que ela tinha, tava com alguma leitura. Ver isso me incentivou (Parceira, Água Mineral).

Não existe fórmula ou uma só maneira para transmitir o gosto pela leitura. Entretanto, um ponto enfatizado pelos mediadores foi a necessidade de eles realmente gostarem de ler para que isso seja passado às crianças. Quem não gosta de ler não consegue ‘convencer’. Nesse processo de contágio pelo prazer em ler não há lugar para o fingimento, é preciso ser verdadeiro neste campo.

Uma mediadora do CECOM nos contou um fato curioso para pensarmos o aprendizado por contágio. Foi realizada uma leitura em família, em que os pais participaram. No decorrer da atividade, os pais leram para seus próprios filhos. O que mais chamou atenção se relaciona com um senhor que contou história o tempo todo para seu filho. Depois de alguns dias, sua mulher, que é voluntária do núcleo, disse ter achado muito interessante a participação dele na atividade. Quando soube que o marido tinha lido para o filho, se assustou. “Ele estava lendo? É impossível! Ele estava lendo? Ele não sabe ler. Ele é analfabeto.” A mediadora contou ter sido um marco no trabalho que se realiza. Costumamos ver crianças que ainda não sabem ler fazerem isso, que é um indício de aprendizagem por contágio. Mas ver um pai contando histórias desta forma foi emocio-

nante, relatou a mediadora. Isso pode indicar o despertar neste pai para o desejo de aprender a ler.

Um outro episódio marcante foi narrado por uma mediadora de Água Mineral. Ela fazia uma oficina, quando chegou um adolescente. Ele ficou encostado lá fora, constrangido para entrar. Era um menino que não frequentava a biblioteca e aquilo chamou atenção. A mediadora parou o que estava fazendo e foi chamá-lo para participar da oficina. O menino disse que não iria, pois não sabia ler. Ela respondeu que não precisava saber ler, que ele iria conquistando isso com o tempo e queria que ele entrasse para participar da oficina. Ele disse ter vergonha, pois crianças pequenas sabiam ler, e ele, que estava na 7ª série, não sabia. Acanhado, acabou entrando, sentou no meio das crianças e a atividade seguiu. A partir desse dia esse adolescente começou a participar das atividades. Essa atitude de ter ido até ele e chamá-lo, segundo a mediadora, foi o que ele estava precisando para começar a frequentar a biblioteca.

Nos processos de aproximação com o livro e na construção de uma nova relação com ele detectamos uma afetividade por parte de muitos mediadores. Uma disponibilidade sensível para o convívio, para a aprendizagem mútua, para estar com o outro e deixar-se levar pelos afetos trocados, sejam eles no plano pessoal das relações ou ainda no compartilhamento de afetos que emergem com a leitura e as práticas a ela ligadas. Este contato com a leitura pode ocorrer pelos meios mais diversos e em grupos heterogêneos. Este último ponto é de extrema relevância, pois nas comunidades investigadas, os espaços de leitura são habitados por crianças de diferentes idades e níveis escolares, incluindo (e não excluindo) aqueles que apresentam dificuldades.

Tem um menino lá que não fala e não ouve. Na hora da oficina ele não participa de jeito nenhum, ele fica de longe, observa. Mas toda vez que acaba a oficina ele vem. Aí eu dou dois ou três livros para ele e ele olha as figuras. Eu não sei nem como ele vai aprender ali, porque ele não ouve e não fala. Mas ele adora os livros. Ele olha as figuras. Ele fica um tempo.

Você vê que ele está olhando mesmo, que ele está interessado (Mediadora, Água Mineral).

As professoras da Escola Municipal Paraná, parceira da Esquina do Livro, ressaltaram observar como as mediadoras levam para a escola uma nova maneira de estar com as crianças e com os livros. Há, neste modo de fazer aberto e afetivo, um deslocamento da forma pedagógica com a qual muitas professoras costumam lidar com os alunos e com os livros, com a inclusão de outros aspectos ligados ao convívio e ao trabalho coletivo.

As crianças que estão conosco acabam criando um hábito diferente das outras. Você vê que eles criam o hábito da leitura, criam até o hábito de ter mais educação, de chegar em um lugar e aguardar, dar bom dia. Porque no princípio do ano nós colocamos um cartaz na porta, seja bem-vindo. Bom dia. Boa tarde (Mediadora, Meninas e Mulheres do Morro).

As crianças aprendem a ouvir, aprendem a esperar a vez de falar. Então elas ficam mais presas àquela situação e nisso as mediadoras contribuem muito. O trabalho das professoras lá na Esquina do Livro é sermos observadoras. Quando as crianças chegam, elas ficam nas mãos das mediadoras, até pra criar uma intimidade. Então pedir pra ir ao banheiro, pedir pra beber água, é tudo com elas (Professora, Escola Paraná, parceira da Esquina do Livro).

Uma professora da Escola Municipal Paraná conta que as mediadoras programam as atividades com as crianças que vão para a biblioteca comunitária e a escola “só aproveita o que é feito lá”. As mediadoras “plantam a semente e a escola colhe os frutos”. No dia seguinte, faz-se um trabalho voltado para aquilo que as crianças viveram lá. E fazendo um elogio, após lembrar que tem famílias entrando e lendo na biblioteca, conclui: “Elas são pescadoras. Estão sempre pescando alguém.” As próprias mediadoras consideram sua maneira de trabalhar com sensibilidade, um diferencial em relação ao modo como as escolas geralmente atuam com as crianças e a leitura.

Numa escola, por exemplo, tem uma sala de leitura, mas está ali jogada, morta. [...] A diferenciação, aquilo que eles não estão acostumados é com a leitura por prazer. A afetividade também, eu acho que isso que eles encontram aqui. [...] afetividade no sentido de valorização do próprio ser humano e de mostrar para eles que eles são importantes. Porque não tem como não ter uma relação de afeto, quando você gosta do seu trabalho (Mediadora, Esquina do Livro).

Visitando e participando de rodas de leitura, presenciamos momentos em que as crianças queriam ler, mesmo lendo com dificuldade ou lendo as figuras. A mediadora perguntava quem queria ler e muitos levantavam o dedo, esperavam com respeito, revelando o desejo de ler para os outros. As mediadoras, com cumplicidade, incentivavam esse movimento.

Mesmo a maioria não lendo bem, eles não têm mais vergonha, eles pedem para ler. E isso é fruto de um trabalho nosso (Mediadora, Esquina do Livro).

Em muitas falas, como a que se segue, foram feitas observações de que há um distanciamento dos jovens, quando vão ficando mais velhos, em relação ao livro:

Eles vão crescendo, os interesses vão se voltando para outras coisas [...] enquanto eles estão pequenos, eles nos ouvem, depois os apelos externos são muito grandes. Aí começam a se distanciar das coisas boas. Afastam eles da gente, da escola, dos livros. É uma realidade que a gente está tentando mudar, acho que é um trabalho que está sendo frutífero, porque tem os que saem e tem os que permanecem (Professora, Escola Paraná, parceira da Esquina do Livro).

A professora considera como um aspecto natural do processo de desenvolvimento o desinteresse pela leitura no período da adolescência. Entretanto, percebemos, através do contato com alguns jovens, que este fato não é uma regra geral. Um bom exemplo de jo-

vens que vão criando uma boa relação com leitura pode ser extraído da Comunidade Educadora. Pudemos notar, nas relações tecidas ali, uma implicação dos jovens com a mediação de leitura. Há um forte elo com a leitura, um elo que liga os jovens entre si, dando consistência ao pertencimento a um grupo. Este elo acontece também com a prática de ler e seus desdobramentos. Reforça também o elo com eles mesmos, no sentido da valorização de si e de ser cidadão. Há um outro ponto positivo que é a ligação com as crianças mais novas, transmitindo força na produção de um gosto pela leitura. “Você vê o amor que as crianças te dão” (Mediador, Comunidade Educadora). Com os mediadores, aos poucos, as crianças vão sendo apresentadas para uma nova forma de ler e conviver com aquele material literário. Hoje, no projeto Comunidade Educadora, há dez jovens atuando como multiplicadores de leitura. Eles auxiliam os jovens mediadores nas escolas e recebem bolsas para apoiar outros jovens que atuam como voluntários nas suas escolas realizando rodas de leituras. Como conta a coordenadora:

Não tem nenhum desdobramento pedagógico, de arte educação depois do trabalho, mas sempre que possível a gente conversa sobre o que está ali [...] A gente está sempre preparando estes jovens [...] Porque, de uma certa forma, esses jovens são referências. O legal dessa galera é que eles não atuam só nas suas escolas. Eles atuam em suas escolas e em outras escolas. E eles são muito bem recebidos nesses espaços. É muito gostoso ver como eles se sentem (Coordenadora, Comunidade Educadora).

Uma jovem mediadora conta que a cada dia tem novas experiências e vive surpresas: “Quando eu imaginaria estar sendo entrevistada?!” Esta expressão retrata um ponto que também é relevante: a visibilidade e o reconhecimento que eles sentem pelo fato de serem mediadores. “Eu sou *Multiplé*, multiplico mediadores”, nos contou orgulhosamente um rapaz na Escola Guadalajara. Em seguida, um outro relatou que agora se sente alguém importante dentro da sua escola. Diferente de antes, quando era desconhecido. “Eu acho que o mais importante que aconteceu com minha participação no projeto foi a

mudança na forma como as pessoas me viam, me tratavam”. Sente-se respeitado e desejoso de continuar trabalhando no projeto.

Se tem um jovem que está fazendo este trabalho fica muito mais fácil de conseguir chegar até as crianças e os outros jovens do que o professor levar isto para a sala de aula, levar isto para a biblioteca, etc. (Mediadora, Comunidade Educadora).

A gente procura envolver cada vez mais os adolescentes, para isso a gente já tem uma monitora do nosso projeto. Como leitora, tem dez ou nove anos. E hoje ela está trabalhando com a gente. É uma pessoa daqui (Mediadora, Esquina do Livro).

As mediadoras entrevistadas ressaltaram uma preocupação com a continuidade do projeto. Não só pelo aspecto financeiro, mas também pela continuidade da mediação, sabendo que não poderão estar lá para sempre.

Acho importante [...] a multiplicação, que pessoas da comunidade sejam comprometidas, porque eu não vou estar nesse espaço para sempre. Uma hora vamos sair e como vai ficar a sustentabilidade do projeto? A gente procura saber o que as pessoas sabem fazer e tenta envolver a pessoa. Vamos tentar fazer junto para que eles se sintam mais pertencentes ao espaço (Mediadora, Esquina do Livro).

Mediação e engajamento social

Nas conversas com as mediadoras detectamos o desejo de fazer aquilo que é feito com motivação e entusiasmo pelo trabalho com livros e crianças: “A sociedade atual está muito robotizada e individualizante, nós aqui trabalhamos no sentido inverso, olhando para o outro, tudo de uma forma bem mais humanizada” (Mediadora, Esquina do Livro).

Os mediadores gostam do trabalho de formação e do lugar que ocupam. Isto é diferente de quando trabalham puramente para rece-

ber um salário, como em empregos burocráticos. Parece haver uma realização pessoal dos mediadores, seja por gostar de crianças e se identificar com o trabalho, seja por gostar de livros, seja pela oportunidade de propor algo para a comunidade.

O que foi relatado pelos mediadores expressa elos com a prática que também podem ser entendidos como elos com a leitura, consigo e com a comunidade. Eles acreditam no que fazem como uma ação potente:

Eu ia no shopping pra lancha, comprar roupa e ia embora. Agora não. A gente para na livraria. Tiro onda. Meus amigos sabem e perguntam: o que você faz? Eu falo: sou bibliotecária. Eles falam: então escolhe um livro aí (Mediadora, Meninas e Mulheres do Morro).

O que eu mais gosto aqui é ver o interesse da criança pela leitura, vendo o trabalho sendo feito, essa integração com a leitura. E o que é mais importante e interessante também é isso, é mostrar a visão que eu tenho para o futuro (Mediador, Água Mineral).

Aqui, cada criança tem a sua história. [...] Qualquer uma de nós faz parte dessa construção de valor. Porque tem criança fazendo terapia, mas não tem alegria, amizade. E aqui a gente consegue fazer com que a criança perca a vergonha. [...]. A gente faz um trabalho para todo mundo ser carinhoso, ser amigo. A gente já leva uma vida tão doída nessa comunidade. Eu gosto de trabalhar aqui. Eu gosto do que eu faço (Mediadora, Meninas e Mulheres do Morro).

Problemas sempre existem [...] e você tem que passar porque você sabe que você está passando por uma coisa que você lutou. Vale a pena (Mediadora, Meninas e Mulheres do Morro).

Como mediadora estou desde abril. E é uma coisa nova pra mim, uma nova experiência e estou achando muito gratificante e essencialmente importante, porque as crianças de hoje em dia, a maioria não tem esse gosto pela leitura, esse hábito. E esse despertar que a gente faz eu acho muito importante (Mediadora, CECOM).

Eu venho percebendo que há um crescimento muito grande das crianças atendidas. As professoras vêm até nós para dizer que as crianças vêm melhorando o seu desenvolvimento na escola. Você constrói o hábito da leitura que eles não têm muito, que eles não tinham acesso. A gente fala roda de leitura e eles já sabem, eles pegam o livro e sentam na roda, pedem pra ler primeiro (Mediadora, CECOM).

O legal do trabalho social é que você pode realizar um trabalho social e ao mesmo tempo ver a eficiência na comunidade que faz parte. Entendeu? (Mediadora, Meninas e Mulheres do Morro).

Por exemplo, no meu círculo de amigos não entendem bem o meu trabalho. Não entendem o espírito. Eu explico, explico, explico e parece que eles não entendem. Aí você passa a pensar assim, nem todo mundo tem a mesma noção que você tem do que é um trabalho social, um trabalho que você desenvolve na comunidade (Mediador, Meninas e Mulheres do Morro).

Uma mediadora de Água Mineral conta que indicou para um adolescente que frequenta o espaço o livro *Um garoto chamado Roribeto*, do Gabriel, o Pensador, por saber que o adolescente gostava de poesia. Ao pegar o livro, o jovem deitou no tapete e devorou-o. A mediadora disse ter ficado pensando se ele havia realmente lido, quando foi surpreendida pelo garoto contando a história para outros e comentando que o livro era muito bom. Logo depois a mediadora leu um livro grande, *Raul da ferrugem azul*. Programara ler apenas dois capítulos, mas ele e dois meninos pediram mais. Acabou lendo o livro por uma hora seguida. Durante toda a mediação eles ficaram ali e ela achou maravilhoso, porque viu o interesse, o resultado de um trabalho.

A gente percebe uma mudança na vida escolar depois da participação no projeto. Acorda esse aluno pra vida. Ele pode ser protagonista de uma realidade diferente pra ele. Há troca, melhoria de vida (Mediador, Comunidade Educadora).

Seguimos esta análise na exposição de outros elos com a leitura. O caminho por onde a leitura atravessa abre mundos. Como disse uma mediadora, “não é apenas um espaço de leitura. Já faz parte da nossa vida, do nosso trabalho, está tudo entrelaçado” (Mediadora, Esquina do Livro). Os elos mostram uma implicação com o território existencial, com o aspecto comunitário presente nas experiências compartilhadas.

Olhando o envolvimento que tenho com as crianças, vejo que o meu passado, a minha infância, foi diferente da delas. Não foi algo tão diferente, mas foi diferente, foi de uma outra forma. Isso vai tendo em mim um sentimento de poder ajudar eles da melhor maneira possível (Mediador, Meninas e Mulheres do Morro).



d) Elos Territoriais e Comunitários

Um projeto inserido dentro de uma comunidade não tem que pensar em um objetivo em si. Ele tem que pensar de que forma pode contribuir para a melhoria daquela comunidade (CIESPI, Reunião Coletiva).

Os elos territoriais e comunitários se referem aos aspectos históricos e afetivos no funcionamento de cada projeto. Com estes elos, trataremos do fortalecimento de parcerias e dos aspectos políticos envolvidos nas práticas de leitura. O desenvolvimento do projeto em cada comunidade indica uma política diferente do assistencialismo. As iniciativas vão ganhando espaço, articulações e pessoas engajadas na medida em que a prática vai atraindo e tocando participantes e pessoas próximas. Trata-se de uma expansão, um desdobramento. A colombiana Silvia Castrillón fala da necessidade de evitar a ideia de levar conhecimento para os que supostamente não sabem: os pobres e as crianças. Esta dicotomia entre saber e não saber precisa ser duramente combatida.

As expressões território e comunidade se referem a espaços de relação, em que subjetividade e mundo, interior e exterior, se distinguem, mas não se separam. Deleuze e Guattari (1995) usam o conceito de *território existencial* para falar de espaços vivos, habitados, plenos de sentido, posto que fazem parte das subjetividades a eles ligadas. Cada território configura limites para a ação, limites que não são topográficos, mas semióticos. Signos são da ordem da experiência, do afeto, da sensibilidade, do sentido que cada encontro pode ter e não da adoção de significados universais. Consideramos que a aprendizagem de semióticas locais e específicas é condição para a criação de conexões com o ambiente. É na ação, atenta e sensível, que discernimos aquilo que é importante para uma determinada comunidade, captamos aquilo que faz sentido, coloca em movimento ou paralisa seus habitantes.

Estratégias na ampliação de territórios

Em todas as iniciativas notamos estratégias para driblar problemas presentes nas comunidades e proporcionar aspectos novos para as crianças e para os participantes dos projetos. Um exemplo de expansão de territórios é a realização de passeios. Todos lembram destes momentos como algo marcante e positivo. Outros programas são organizados neste sentido. Um exemplo é a “Quarta na Quinta”, quando Meninas e Mulheres levam as crianças para a Quinta da Boa Vista, às quartas-feiras, para fazer uma roda de leitura, passear e brincar ao ar livre. É uma forma de ampliar o território existencial das crianças que vivem logo ao lado, na comunidade da Mangueira, onde o espaço é reduzido e contornado pela violência do tráfico de drogas e da cidade. Como foi relatado, muitas crianças dali raramente saem do espaço habitual e, mesmo muito próximas, não costumavam ir à Quinta da Boa Vista. No CECOM, a reza e a dança em roda depois do almoço, antes de começar a atividade de leitura, também é uma estratégia de trabalho. O mesmo aconteceu no almoço oferecido pelo CECOM e pela Escola Guadalajara, onde os funcionários almoçam juntos, conversam e compartilham uma vida. A roda do beijo, na Mangueira, é citada como uma atividade inventada para resolver conflitos entre as crianças participantes, que às vezes brigam e precisam de certos dispositivos para aprender a conviver. A *Lan-house*, na Mangueira, ensina informática para os frequentadores do espaço de leitura. Ali, o instrutor de informática, um jovem de 18 anos, pode ir introduzindo uma atenção à leitura e à escrita, relacionando-as com o trabalho da leitura literária.

Ressonâncias que mobilizam articulações comunitárias

Cabe lembrar que as iniciativas estão situadas em contextos bem diversos. Água Mineral é uma área rural, há um problema de calçadas para que as crianças cheguem sozinhas sem riscos. Ela é sediada na associação de moradores, que são os responsáveis pela ad-

ministração do projeto. Parece-nos que a frequência da comunidade é mais reduzida, por questões geográficas ou políticas. Apesar de algumas dificuldades, a atividade de leitura nos pareceu bem agradável, com uma atmosfera tranquila. Aparentemente, a Biblioteca Comunitária Alcino José de Lemos, em Água Mineral, não provocou grandes impactos na comunidade. No entanto, a mobilização para a sua concretização envolveu diferentes momentos e pessoas, como podemos constatar:

Por causa desse trabalho, que a gente começou aqui em Água Mineral, a leitura se ramificou e continua. Aqui que ganhou força e dá para crescer. Minha base. Daqui que eu cresço. Faço as parcerias que eu puder (Parceira, Água Mineral).

É importante destacar falas como esta, pois por inúmeros motivos muitas pessoas não permaneceram, mas deixaram e levaram marcas. Ao afirmar que a localidade é a sua base, a parceira entrevistada acima relata a sua longa trajetória, ressaltando sua participação no processo de concepção e criação da biblioteca, o que a beneficia até hoje. O seu rico depoimento remete aos impactos que os projetos sociais têm produzido nas comunidades, mas que nem sempre conseguem visibilidade ou articulação com vistas à continuidade do trabalho, seu aprofundamento ou ampliação.

O CECOM, que é distribuído em dois núcleos e em duas creches, tem uma parceria com a Igreja e um trabalho de articulação com as famílias próximas. Observamos muito cuidado e trabalho com as famílias que de alguma forma se ligam aos núcleos onde a leitura se desenvolve.

A idealizadora da Esquina do Livro nos conta perceber com o tempo o quanto vai precisar chamar mais o público e investir na formação de leitores da comunidade. Não há ali muitos elos comunitários. Há uma nova parceria com o projeto Ler e Abraçar, que investe na formação de educadores, mas não é exatamente o foco da formação de leitores para a biblioteca de Campinho. Ela narrou

um momento em que se sentiu acompanhada pela comunidade. Em certa ocasião, o padre, ligado ao Centro Esportivo onde a biblioteca tem sede, interrompeu todas as atividades do Centro, inclusive da biblioteca. No momento de ameaça de fechamento da biblioteca, a comunidade deu respaldo, expressando o desejo e garantindo a continuidade de seu funcionamento.

Meninas e Mulheres do Morro se encontra dentro da comunidade da Mangueira e é frequentada pelos moradores que, em sua maioria, moram próximos. Através do relato da coordenadora pudemos ter acesso a como a biblioteca foi sendo construída, com muito trabalho coletivo e continuado:

Nós compramos essa casa [...] O rapaz deu uma marretada na parede que dividia ela. Quando ele deu a marretada caiu tudo. O esgoto do beco inteiro passava por aqui. [...] Aí, contratamos uma pedreira e fomos convencer o beco que a gente não podia ter o esgoto passando num lugar que a gente ia trabalhar com criança. [...] Trabalhamos sem parar, não tinha sábado nem domingo. A gente só ficava no bazar. O que entrava era pra obra. A gente acabou fechando em uma semana que eu viajei para minha primeira formação em São Paulo. Eu lembro que eu cheguei e já estavam colocando o piso. E vamos montar a biblioteca (Coordenadora, Meninas e Mulheres do Morro).

Notamos medo e necessidade de proteção em muitos dos trajetos percorridos, através de relatos e de barulhos de tiros. Faziam-se presentes os problemas entre policiais e os diversos grupos envolvidos com o tráfico. A Comunidade Educadora, em Duque de Caxias, está circundada pela violência. Talvez por este motivo seja um trabalho especialmente ligado à política, com fortes articulações comunitárias. Sentimos conexão entre os participantes, ora para fazer circular livros e mediadores, ora para se manterem unidos e informados em relação à presença de tiros e de policiais.

Agora, vou te dizer uma coisa, recentemente, numa das rodas, numa das reuniões com a equipe, um grupo de jovens estava falando que aqui na

creche ao lado eles estavam numa roda de leitura e aí começou o barulho: Pá, pá, pá. E as criancinhas da creche começaram: o tiro, tia, o tiro, tia. E saíram agachadas como se fosse filme norte-americano, no chão, se arrastando até a sala de aula.

[...]

Então, no momento que você consegue levar uma mediação para as crianças, é um momento de fuga. Eles estão desesperados. Você chega na roda e eles querem contar, eles querem falar. A necessidade de desabafar, de se fazer ouvir destes jovens e crianças é muito grande. O momento de roda é muito importante também pra isso, pra você estar ouvindo: perdi, morreu meu tio, morreu não sei quem. É também uma grande válvula para eles, essa possibilidade de estar socializando a sua dor (Coordenadora, Comunidade Educadora).

A coordenadora do Comunidade Educadora relatou que o projeto envolve não só as escolas, principal público de intervenção, mas também creches, associações de moradores, cooperativas de catadores e de mulheres, representantes da Secretaria Municipal de Educação e a Metro V, da Secretaria Estadual de Educação. Assim, há um espaço de fortalecimento das alianças e a ressonância de ações que mobilizam e criam articulações comunitárias.

Então nós fizemos uma formação com a rede de escolas. Chamamos os profissionais, fizemos um trabalho de estímulo, de sedução para a questão da leitura. E fizemos uma proposta de revitalização do espaço.

[...]

Todo mês a gente senta para planejar, com as mediadoras. A gente tem até um quadro com todas as datas. A gente planeja as atividades, os passeios. [...] Então a gente pega as outras e coloca nos horários. Então, às vezes, a biblioteca está aqui e tem a creche que também está lá, aí tem uma mediadora aqui e uma mediadora lá (Coordenadora, CECOM).

O fato de o mediador morar na comunidade onde a iniciativa de leitura funciona parece ser um aspecto importante. A pesquisa revelou uma diferença nítida quanto à relação de engajamento com a comunidade entre os mediadores que moram próximos, trabalham e circulam entre os espaços, fortalecendo e ampliando os elos existentes, e aqueles que moram longe e desconhecem certos signos locais. A presença de um mediador nas bordas das práticas de leitura tem um aspecto articulador. Na pesquisa passada, “Elos na Rede”, um parceiro se referiu à importância de o mediador habitar o mesmo território onde a biblioteca tem raízes com a expressão: “é importante porque *eles sofrem dos mesmos sofrimentos*.” Eles circulam pelos espaços comuns: eventos, ruas e ruelas, casas, *lan-houses*, praças, e vão acompanhando e convidando as crianças. Assim, acabam sendo presentes na vida das crianças, ganhando a confiança e a amizade delas, assim como das pessoas a elas ligadas.

Tivemos a experiência de sair para passear com mediadoras e coordenadoras que moravam na comunidade onde as bibliotecas comunitárias se encontram. Conhecemos o entorno em Nova Iguaçu (CECOM), Água Mineral (Água Mineral) e Duque de Caxias (Comunidade Educadora). Em Campinho (Esquina do Livro) e na Mangueira (Meninas e Mulheres do Morro) não tivemos esse acesso ou esse convite, talvez porque o trabalho seja mais focado ali, ou porque se encontram em zonas mais complicadas para a circulação. Nestes passeios, os relatos daqueles que haviam nascido e crescido ali, que conheciam a todos e transitavam com tranquilidade, contavam-nos de uma história construída, dos valores e dos pequenos detalhes do convívio coletivo na implementação do projeto de leitura.

A coordenadora de uma das bibliotecas se apresentou como alguém que queria ajudar as crianças e somente aos poucos foi entrando em contato com a prática da leitura, com outras pessoas que já trabalhavam com isso e gostavam de ler. Morava distante dali e não só não tinha conhecimento da comunidade como tinha medo de sair por ali. Inclusive para almoçar. “Trago até remédios para não precisar sair por aqui.” Tinha pouca compreensão do que seria um

projeto de leitura diferente de um trabalho escolar. Existia um grande contraste entre ela e uma mediadora experiente, moradora local, apaixonada pelo que faz e que inventa muitas estratégias para colocar em contato a criança e a literatura.

Alguns meses depois, em uma reunião coletiva, percebemos que havia algo novo, ela estava mais acordada, viva, bonita. Participou da arrumação da sala para a reunião e disse que queria ajudar. Pegou a vassoura e, varrendo a sala, foi falando que na semana anterior, ao fechar o projeto para reenviar para o Prazer em Ler, havia sugerido que a coordenadora fosse a mediadora. Ela se sentia agora bem mais à vontade na biblioteca, mas reconhecia o valor da mediadora, assim como de outros com mais experiência nesse campo da leitura. Contou também que os encontros de formação, organizados pelo Programa Prazer em Ler, foram ótimos e ela sentia, naquele momento, que outras pessoas podiam aproveitar mais. Disse ainda que nossas idas e conversas foram essenciais para a compreensão que veio a ter do seu próprio papel. Ao final, querendo seguir com o que faz, mostrando um gosto novo pelas práticas de leitura, ela se colocou como aprendiz, valorizando parcerias e reconhecendo que sua visão de trabalho comunitário estava mudando e enriquecendo.

Outro exemplo de alguém que mora longe, faz mediação e coordena as ações de leitura encontramos na Esquina do Livro. Ao serem entrevistadas, as mediadoras comentaram ter dificuldade de fazer parceria com a comunidade – como se eles não tivessem interesse em ajudar na construção e pertencer àquele espaço de leitura. Hoje, estão buscando esse contato mais próximo, reconhecendo a importância disso. Pois, como foi dito, consideram interessante manter a biblioteca aberta nos finais de semana e por mais tempo, se colocando mais disponível para a comunidade.

Na Mangueira, há uma mediadora de fora da comunidade. Observamos que entre pessoas da equipe há uma percepção sobre este aspecto. Eles notam como é difícil alguém se inserir e obter confiança dos moradores (principalmente dos pais):

Porque é diferente das pessoas que moram aqui e trabalham aqui, e as que não moram e vêm pra cá. Ela [uma mediadora] é um exemplo, mora em Niterói. Então, até ela conquistar foi uma luta, era diferente de eu dar uma atividade porque todo mundo me conhece. Se você coloca pra trabalhar naquele espaço pessoas que moram na comunidade, chama mais. Porque as pessoas confiam. Essa aí, eu conheço, não vai bater no meu filho. Comunidade tem muito disso (Mediadora, Meninas e Mulheres do Morro).

De todo modo, através de um pequeno relato de um voluntário do Instituto C&A,⁸ que trabalha como mediador no CECOM, podemos indicar que a mediação cria elos que não precisam estar vinculados com o fato de morar próximo ou não dos espaços de leitura onde se atua. Ele conta que gosta de ler mais do que antes, não tem tanta vergonha como tinha, que hoje lê em casa para os sobrinhos e se sente mais responsável na vida. Conta que era muito avoado na leitura e para dar continuidade ao que fazia. Conta que também mudou dentro da empresa em que trabalha. Antes, era só mais um, depois as portas começaram a se abrir e as coisas começaram a acontecer. Diz ter se tornado uma pessoa mais madura através do contato “com uma sociedade diferente, menos favorecida”. Vemos aí que a diferença também é produtora de subjetividades e mundos quando não se trata de fazer *pele* outro e sim *com* o outro.

É esse *fazer com o outro* que importa ressaltar aqui. Em todas as iniciativas, as práticas dos mediadores nos indicaram alguns caminhos em que os elos se fizeram presentes. Neste sentido, para entrar em contato com a proposta do Programa Prazer em Ler, a equipe de pesquisa participou do 7º Encontro de Educadores Mediadores de Leitura – do Prazer em Ler, realizado em maio de 2008 no Rio de Janeiro. Este momento tinha como propósito criar a atitude de colocar-se como aprendiz do Programa e observar.

8 Os voluntários do Instituto C&A são funcionários da C&A Modas que são incentivados a participar de ações sociais nas comunidades em que a empresa opera.



e) Elos com o *Prazer em Ler*

Ler é uma prática social fundamental à formação do cidadão e importante via de acesso ao conhecimento e à cultura (Programa Prazer em Ler).

Não leia apenas livros, mas homens e, entre eles, principalmente a si mesmo (Francis Quarles, 2008).

Ao investigarmos a produção de elos a partir da parceria com o Programa Prazer em Ler, pudemos identificar junto às cinco iniciativas entrevistadas um grande vínculo formador-afetivo e nomeá-lo como um corpo vivo, que foi se constituindo à medida que foi sendo gerado por todos os participantes.

Como é próprio do que é vivo criar elos, um movimento de produzir conexões se deu ao longo do processo. Contabilizar os inúmeros elos gerados não é tarefa possível, pois, tal como uma espiral, permanece girando e criando elos, propagando e ampliando conexões. Uma espécie de moto-contínuo, nascido das relações afetivas estabelecidas, das ações implementadas e apoiadas e do crescimento humano e profissional.

Consideramos aqui alguns elos. Elos entre diferentes classes sociais e culturas, elos entre pessoas, livros e leituras, elos entre a noção e o exercício da cidadania a partir do pertencimento individual e coletivo, elos entre leitura de si e do mundo, elos entre bibliotecas e sua função disseminadora de conhecimentos, elos entre leituras já existentes e as que foram sendo incorporadas, elos entre instituições, bibliotecas e comunidades. Enfim, elos com o Prazer em Ler, no Prazer em Ler e para além do Prazer em Ler.

Algumas questões apareceram ao longo das entrevistas e são pertinentes na medida em que revelam a importância da formação de leitores, mediadores e de elos propiciados pelo Prazer em Ler e pelas práticas de leitura construídas pelas iniciativas visitadas.

Durante a pesquisa, também apareceram como um desafio para um futuro bem próximo questões relacionadas à sustentabilidade e autonomia das iniciativas. A seguir vamos desenvolver este tema e

expor alguns aspectos que se referem à formação de mediadores de leitura, percebida como geradora de elos. Acreditamos que tais pontos poderão contribuir para a avaliação do investimento realizado pelo Programa.

O *Prazer em Ler* como gerador de elos – A formação

Procuramos entender qual a importância do programa para as cinco iniciativas a ele ligadas. Ele havia sido incorporado? De que forma? Quais os destaques? Alguma falta no meio do caminho?

A referência à formação de mediadores, oferecida em oito encontros nos últimos três anos, apareceu em todas as falas como propulsora das ações e das transformações pessoais dos mediadores de leitura, de seus coordenadores e das iniciativas como um todo. Como disse uma mediadora de leitura da Esquina do Livro: “A formação fica!”. Esta incorporação é tão forte que um voluntário da C&A, que atua na Comunidade Educadora, sonha: “A única coisa a dizer do Instituto é que ele não mudasse, que fosse assim para sempre.”

A formação vista na prática das iniciativas visitadas apareceu também nas rodas de leitura, na vontade de dizer qual o livro que estava lendo naquele momento, pelo número de empréstimos relatados, pela ampliação do trabalho de mediação e pela satisfação de dizer que as crianças muitas vezes chegavam sem vontade de ler, mas que essa situação se revertia com a prática do cotidiano das bibliotecas. Os sentidos foram sendo criados no contato com o Programa *Prazer em Ler*.

O *Prazer em Ler* está promovendo esse espaço, ele está sendo como um condutor, um mediador de cultura, de leitura. Acho que o papel dele é fundamental para nós, para essa comunidade e para quem se beneficia da biblioteca (Mediadora, Água Mineral).

A formação do Instituto, do *Prazer em Ler*, foi enriquecedora para cada funcionário da instituição, para cada um de nós. [...] Eu faço a multiplicação com todos, desde a cozinheira até o educador e também levo um

pouco dela para a última reunião geral, levando a questão da leitura para todos os funcionários do CECOM. Assim é o enriquecimento, a aquisição de conhecimento muito positiva que nós não tínhamos. Muitos não eram leitores mesmo. Aí a gente foi se formando nisso (Coordenadora, CECOM).

Três aspectos relacionados à formação apareceram na fala dos entrevistados e merecem ser ressaltados. O primeiro foi o aspecto desencadeador de ideias e dinâmicas a serem seguidas, adaptadas, incorporadas e reinventadas. Houve intensa troca de informações e experiências entre os representantes das iniciativas. Esse formato de participação foi planejado desde a concepção do Programa, primeiramente com a publicação do 2º volume do livro *Prazer em Ler* (2007) e, depois, com a participação de pessoas e instituições sociais durante as atividades dos encontros de formação.

Eu acho que a troca é enriquecedora. Por exemplo, a troca e a prática de um enriquecia mais do que algo que trouxeram para exposição (Coordenadora, CECOM).

O segundo elo diz respeito à base teórica no processo de formação dos mediadores de leitura, que se deu através do contato com especialistas de diferentes abordagens sobre o universo da leitura literária no Brasil e no mundo. Os cursos e palestras proferidos pelos convidados e o *Seminário Prazer em Ler de Promoção da Leitura*, realizados entre os anos de 2006 e 2008 – *I Ciclo do Programa Prazer em Ler*, geraram publicações, documentos, impressos e eletrônicos, que chegaram às mãos dos participantes e serviram de complemento à sua formação.

O terceiro aspecto se refere aos elos entre as pessoas. É o que liga e transforma as pessoas reunidas nas iniciativas e tem fonte na fruição da leitura, no convívio, na troca de conhecimentos, no encantamento do ouvir, do ler e do imaginar. Percebemos nas entrevistas que nos encontros de formação afetos foram compartilhados. Sentir-se valorizado, identificar-se com um parceiro, estabele-

cer trocas de experiências, foram momentos que impulsionaram e fortaleceram os elos. As visitas também deixaram claro que é nas relações afetivas que surgem os estímulos necessários para a ida, a permanência e a volta das crianças às bibliotecas, ou como pode ser observado no imenso prazer gerado pela chegada de um mediador à sala de aula.

Em todas as visitas pudemos notar uma relação de afeto bem construída. O fato é perceptível no respeito mútuo, nos espaços de silêncio e escuta, no corpo. Inclusive no contato com as crianças: “O céu está em festa só porque você está aqui!”, cantaram as crianças de 4 a 6 anos, da creche São Sebastião (CECOM) ao nos receber. Ali se faz muita brincadeira, mas antes de ler há uma pausa para a introdução da leitura. Ouvimos uma mediadora chamando as crianças: “Agora, vamos ligar as antenas da orelha”.

Acho que a questão da relação afetiva, da relação com o outro, fica muito gritante. Porque você está ali com todo o conteúdo, todo aprendizado que veio, muito positivo. Mas às vezes até com o conteúdo que trouxe, você numa discussão, numa afinidade com o outro, você consegue absorver mais e melhor. Mais até de quando você está só recebendo. Por exemplo, a troca, quando um trazia para colocar um pouquinho sua prática, sua experiência, quando os grupos começavam a expor, tinha uma riqueza maior (Mediadora, CECOM).

Essa contribuição do Prazer em Ler foi maravilhosa, não tem uma instituição aqui no morro que tenha uma biblioteca comunitária. Talvez essa seja a primeira. Somos nós que ficamos abertos aos sábados, em que as pessoas podem entrar, podem fazer empréstimo de livros (Coordenadora, Meninas e Mulheres do Morro).

Sustentabilidade e autonomia

Podemos reafirmar que há uma apropriação do modo de trabalhar com livros, leitores e leituras que foi um efeito desse tempo de pertencimento junto ao Programa Prazer em Ler. Além de

incorporarem essa maneira de trabalho, percebemos nas iniciativas modos inventivos de lidar com as questões cotidianas e locais. Assim, podemos dizer que houve a construção de uma autonomia. Essa autonomia aparece na voz dos entrevistados de diferentes formas. Existe uma autonomia financeira, ou sustentabilidade, e existe uma autonomia de ações e incorporação dos objetivos do programa. Muitas vezes, uma está atrelada à outra. Gera-se autonomia de ações ao mesmo tempo em que há ampliação de estratégias de captação de recursos. Ações, inclusive, que transbordam e crescem, muito além da biblioteca original. Os relatos mostram uma reflexão sobre ações cotidianas que corporificam mudanças, direções, empreitadas:

A outra frente dentro da questão da leitura que a gente está construindo é uma biblioteca aqui na comunidade. A gente não começou a construção, a gente começou a negociação. A ideia é que essa biblioteca funcione na Associação de Moradores do Jardim Leal, que é uma das várias aqui que atendem esta comunidade. O Instituto vai entrar aí, e todo processo, toda capacitação que foi feita nesses encontros de formação e tudo mais, isso vem também para somar nesse trabalho. O Instituto com a prática do projeto Comunidade Educadora junto com a Secretaria de Educação do Município e a do Meio Ambiente. Ações que a gente está articulando. Criando essas ações em rede, com as experiências que eles têm com as que a gente tem (Coordenadora, Comunidade Educadora).

Olha, a gente está juntando uma grana para construir lá em cima. A ideia é ampliar a informática e a biblioteca. É a autonomia que a gente quer. Quer que a biblioteca seja comunitária mesmo, que o morro inteiro venha pra cá. A gente está voltando para a customização. Porque agora a gente não pensa na customização só pela reforma de uma peça ou outra. A gente está pensando em colocar a arte-educação que tem a ver com a leitura. E a partir dessa customização, continuar se mantendo, para manter a biblioteca (Coordenadora, Meninas e Mulheres do Morro).

Com ou sem o Prazer em Ler, continua. Porque [...] essa consciência, o comprometimento que já foi criado na nossa equipe, acho que isso continua, não tem como mudar (Coordenadora, Esquina do Livro).

Você implantou esse projeto e vem implantando e de que maneira você pode continuar o caminho já tendo percorrido um caminho durante esse período de formação? [...] são coisas que vão estar na nossa pauta diária daqui pra frente se nós conseguirmos de fato essa sustentabilidade financeira e dizendo o que a gente aprendeu no caminho. O nosso caminho que eu possa dizer porque as meninas estão mais fazendo os elos nesses encontros, eu acho que é um caminho muito sério. Eu acho que o nosso comprometimento com a mediação de leitura em Campinho tem sido muito constante, árduo e prazeroso também (Coordenadora, Esquina do Livro).

Buscamos ainda saber como as instituições se viam caminhando sozinhas, independentes do Instituto C&A. As iniciativas apoiadas pelo Prazer em Ler explicitaram clareza política, dizendo o quanto batalham para manter a chama do sonho viva. Contaram também encontrar dificuldade na busca de novos recursos, pois um ponto destacado é o fato de a leitura em si não ser percebida por muitos financiadores como uma atividade preferencial para ser apoiada. Da forma como as iniciativas trabalham, dedicando jornadas inteiras à leitura e às crianças, há a necessidade de recursos financeiros na manutenção das iniciativas, uma vez que a maioria dos mediadores se dedica profissionalmente às bibliotecas.

É complicado, porque nós somos profissionais, precisamos de dinheiro pra poder sobreviver. Por exemplo, se nós não temos um apoio, não tem como nós estarmos aqui todos os dias trabalhando. Nesse sentido acabaria afetando, não na qualidade da mediação, mas na quantidade (Mediadoras, Esquina do Livro).

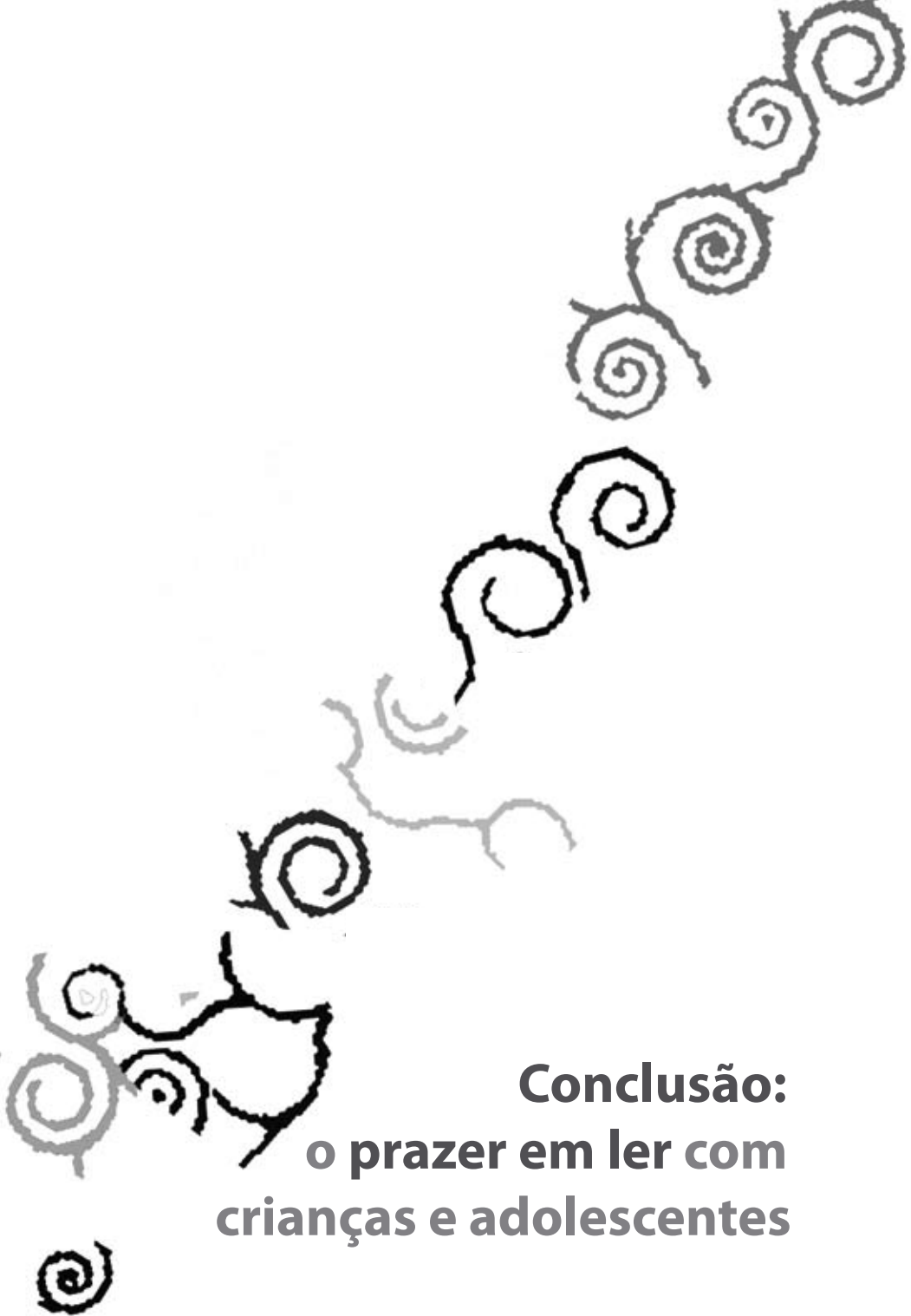
Eu sinto assim, duas vertentes. Uma é a sustentabilidade política. Você se garantir. Eu acho que nós já estamos garantidos nesse sentido. Outra é financeira. Houve certo comodismo em relação a toda equipe. A gente se acomodou realmente neste sentido. Mas eu acho que com a bagagem que nós temos hoje, não vai ser difícil. Já estamos neste trabalho o ano inteiro, ainda não aconteceu nada, mas eu acho que qualquer hora a gente vai acabar conseguindo (Mediadora, Esquina do Livro).

O Prazer em Ler é o principal provedor da biblioteca e do nosso trabalho nesse momento. Acho que ele provê o financiamento, a nossa formação, provê o funcionamento do nosso trabalho. Acho que o Prazer em Ler é [...] a mola propulsora. É ele que está na base. Se ele se retirar nesse momento, dificilmente o trabalho vai poder continuar (Coordenadora, Água Mineral).

Eu acho pouco três anos pra gente formar alguma coisa: foi um ano de organização, de luta, de comprar, montar. O segundo ano foi de organização do acervo, inserir a leitura na vida das pessoas e na nossa própria vida, no nosso dia a dia. Então eu acho pouco porque na realidade são três anos de construção, acervo e leitura. A casa inseriu a leitura só há um ano (Coordenadora, Meninas e Mulheres do Morro).

Percebemos que depois de algum tempo de formação e trabalho coletivo há autonomia em relação às práticas com leitura e crianças, algo que possibilita a propagação da leitura por novos caminhos.

Não há pedras no caminho. Mas o caminho pode ser novo, de novo, bastando para isso que nossas leituras e ações delas decorrentes não se bastem, não se queiram prontas e acabadas tão de imediato. Esta é a chave de leitura do Programa Prazer em Ler: uma leitura que abre outra leitura, que abre outra leitura, que abre outra leitura, que... (Instituto C&A – *Prazer em Ler*, 2006, p. 14).



**Conclusão:
o prazer em ler com
crianças e adolescentes**

(((Conclusão: o prazer em ler com crianças e adolescentes

Um rizoma não começa nem conclui, ele se encontra sempre no meio, entre as coisas, inter-ser, *intermezzo*. [...] O rizoma é aliança, unicamente aliança. A árvore impõe o verbo 'ser', mas o rizoma tem como tecido a conjunção e...e...e... (Deleuze e Guattari, 1995).

Os passos estão se tornando mais nítidos. Um pouco mais próximos. Agora soam quase perto. Ainda mais. Agora mais perto do que poderiam estar de mim. No entanto continuam a se aproximar. Agora não estão mais perto, estão em mim. Vão me ultrapassar e prosseguir? É a minha esperança. Não sei mais com que sentido percebo distâncias. É que os passos agora não estão apenas próximos e pesados. Já não estão apenas em mim. Eu marcho com eles. (Clarice Lispector, 1998)

Em la lucha de classes
Todas las armas
Son buenas
Piedras
Noches
Poemas

(Paulo Leminski, 1983)

Neste ano de pesquisa, em todas as cinco iniciativas visitadas, nós encontramos com alegria muitas crianças imersas em livros e histórias. Estar nas bibliotecas comunitárias foi gratificante e surpreendente. Conhecemos pessoas e bibliotecas acolhedoras, vivas, mediadores com uma formação sólida e uma prática consistente, em que percebemos o prazer em ler. Entre conversas e atividades de leitura fomos sendo contagiados pelo gosto pela leitura. Uma leitu-

ra de qualidade, uma leitura aberta, crítica e afetiva, que despertou mundos em nossos mundos. A literatura nos acompanhou também nas reuniões regulares no CIESPI, onde, antes de estudar e debater o material que era produzido, nos alimentávamos um pouco dessa matéria de trabalho em que a arte se faz presente.

Aos poucos, os mediadores e as crianças e adolescentes foram revelando pequenas descobertas e transformações por onde a leitura passava. Houve ganho de autonomia como leitores e propagadores do gosto por livros e leituras. O prazer em ler se revelava de muitos modos. Entre eles, quando crianças entravam nas bibliotecas comunitárias e corriam para pegar livros, quando queriam ler para os outros mesmo sem dominar a língua, quando demonstravam alegria ao poder levar livros para casa e, ainda, quando escolhiam deixar de lado a brincadeira e os atrativos ali presentes para mergulharem em suas leituras. Os mediadores também se desenvolvem com este gosto pela leitura, nos falamos da apropriação da leitura e da experiência por ela suscitada quando se permitem explorar novos livros, emitir opiniões sobre o que leram e interromper uma leitura que não produziu interesse ou prazer.

Observamos modos de operar que aconteciam com respeito e sintonia em relação à cultura local, com o saber daqueles territórios existenciais. Como ressaltou Silvia Castrillón, percebemos que estas iniciativas não trabalham com esquemas assistencialistas de “levar conhecimento para os que supostamente não sabem: os pobres e as crianças”. Esta dicotomia entre saber e não saber é questionada. Para Castrillón, a teoria também é fundamental, pois atualmente é muito frequente que a teoria seja substituída pelo pragmatismo. Os programas que têm em seus espaços uma investigação teórica das práticas podem efetivamente colaborar para a promoção da leitura. Daí a importância das pesquisas, do registro e das reflexões conjuntas, como as que realizamos na Pesquisa “Elos com o Prazer em Ler”. A produção de conhecimento foi acompanhando processos em andamento.

A pesquisa de campo foi muito rica. Observamos ações importantes, bonitas e emocionantes, apesar das muitas dificuldades

enfrentadas, que envolvem aqueles territórios e a questão da leitura no Brasil. Como já mencionamos, uma mediadora falou numa entrevista o quanto era difícil pedir apoio para um trabalho com a leitura, pois as empresas querem resultados imediatos, ou apoiam trabalhos com música, teatro. Querem algo que apareça, dê na vista e faça número. Ao apostarmos na leitura precisamos sustentar um tempo próprio ao aprendizado de uma relação com o mundo que não passe diretamente pela espetacularização da vida. Com observação e estudo, ressaltamos que o prazer em ler não é imposto e tampouco se ensina. A comunidade não trabalha junto por obrigação e sim no intuito de melhorar sua vida comum, no compartilhamento do que se sabe e na união de forças. A mediação se faz entre livros, leituras e leitores. A construção de elos comunitários parece ser importante para a sustentabilidade e a autonomia das iniciativas. Para a continuidade de práticas que envolvem a leitura, é preciso propiciar o contato e a aproximação, bem como alimentar cotidianamente o despertar do gosto pela leitura. Os profissionais que trabalham nas iniciativas e não moram na comunidade relataram alguma dificuldade para manter uma relação mais próxima com os moradores. Parece haver uma preocupação constante com a busca de novas parcerias para as bibliotecas comunitárias a fim de possibilitar sua continuidade. Os mediadores e as pessoas ligadas às equipes dos projetos em curso demonstram gostar do que fazem, assim como gostar de ler, enfatizando a importância da formação recebida do Instituto C&A no seu aprimoramento profissional.

Como, então, nascem e se fortalecem os elos? No caso da leitura, eles se dão, em grande parte, pelo contágio. Uma reverberação que vai produzindo leitores e mundos, mundos no mundo. Com contágio as ações e as percepções vão propiciando a expansão de um território sensível à literatura. Identificamos, descrevemos e analisamos alguns elos constituídos em torno das diferentes práticas de leitura. Principalmente: elos com a leitura, elos mediadores, elos comunitários e territoriais e elos com o Prazer em Ler. Estes elos são efeitos de uma prática em que o prazer de ler se insere. Há um vetor

de transversalização e produção nestes campos e ele se chama leitura. Ao buscarmos conhecer o que, nas cinco iniciativas investigadas, potencializa a construção de uma rede relacionada com a leitura e a formação de leitores, não encontramos uma regra geral, mas sim muitas maneiras de ler e de apresentar o livro para as crianças e para a comunidade. Modos inventivos que contam de um desejo de criar espaços para seguir lendo e transformar o mundo para si e para as crianças. Enfim, apostamos que a relação com a leitura pode concorrer para a criação de novas formas de sociabilidade, de relações com a família, com a comunidade e de políticas públicas.

Todas as iniciativas visitadas e entrevistadas direcionam e preparam suas práticas tendo como foco principal a criança e sua relação com a leitura. Tratando de diversos assuntos, falávamos, direta ou indiretamente, sobre as crianças e com o universo delas. Tão logo conhecemos o papel e a importância da mediação na sua ação de fazer acontecer a leitura – os planejamentos detalhados para fazer caber mais um grupo, a estruturação de espaços apropriados para receber e acolher, a formação e o diálogo das equipes, a escolha de acervos pensados para determinada faixa etária ou pessoa –, chegávamos às crianças. Detectamos os elos constituídos a partir dessa relação. Em cada lugar, falávamos dessas crianças frequentadoras das bibliotecas, dos projetos, moradoras dos arredores das comunidades, estudantes de escolas parceiras, crianças que estavam aprendendo a ler, gostando de livros desde as fraldas até a adolescência.

Os elos trazidos à baila neste livro foram apresentados separados e detalhados. Consideramos importante explicitar que estes elos se interpenetram formando uma rede leitora. O elo com a leitura aparece muitas vezes ligado ao elo com a comunidade, através de rodas realizadas em espaços públicos, através de empréstimos de livros e relatos casuais de alguns familiares contando de um interesse novo pelo livro. Os elos mediadores se cruzam com os elos com a leitura, quando os mediadores contam ter outra relação consigo, com aquela prática de ler (para si e para crianças), a partir do elo com a leitura. Os elos mediadores se relacionam também com os

elos territoriais, quando jovens contam sentirem-se reconhecidos e atuantes em sua comunidade; quando a violência presente em muitos locais é, de certa forma, colocada em outro plano, dando espaço às relações de amizade e familiaridade produzidas com a leitura e o convívio nas bibliotecas. Nas escolas e no contato com os elos mediadores, notamos como muitas crianças sentem dificuldade na relação com a literatura. Mas, com o tempo e a realização de um trabalho consistente com a leitura, as crianças e os adultos vão se apropriando de uma leitura prazerosa. Os elos com o Prazer em Ler aparecem conectados com o fortalecimento dos elos comunitários, quando os frequentadores das bibliotecas admiram e reconhecem o valor daquelas práticas de leitura no território. Detectamos também a presença dos *banners* do programa nos espaços, o que indica uma valorização e visibilidade da parceria. Os livros eram amados e vistos como objetos de conhecimento e prazer, contando de um elo que se liga aos outros. Enfim, trata-se da afirmação de uma prática e de um modo de vida, buscando aproveitamento e prazer.

Com estes e outros inumeráveis elos, estamos todos interligados. No meio, na ponta, no começo e no fim. Fazemos parte de uma rede, que se descobre e se cria entre homens e livros. Ana Maria Machado lembra o filósofo e escritor espanhol Fernando Savater, que afirma que “na verdade não se nasce humano. Humanidade se aprende por convívio e por contágio. O papel do outro é fundamental nesse processo”, e que “a leitura é também uma forma de estar presente, uma superação dos limites da presença física, uma ampliação de oportunidades de diálogo” (Machado, 2004).

Avaliamos com esta pesquisa que os mediadores têm importância fundamental na formação de leitores e na propagação do Prazer em Ler. Esta é uma afirmação que fazemos após este tempo em contato com as cinco iniciativas e também com o Programa Prazer em Ler. É provável que nem sempre seja preciso um mediador para criar uma boa relação entre livros e crianças, leitores e leituras. Porém, nas situações encontradas, em bairros com escasso acesso e

conhecimento de livros, o espaço dedicado à leitura e a presença de mediadores torna-se um forte estímulo para as crianças, para os adolescentes e para uma aprendizagem com base no prazer em ler. O investimento do Programa Prazer em Ler na formação dos mediadores é certamente um bom caminho para a ampliação e a transposição de limites de territórios existenciais. A mediação tem, de fato, efeito multiplicador. Consideramos importante a realização de pesquisas ligadas à prática de leitura feita nas escolas e ainda uma formação de mediadores que possa atingir a leitura nas escolas. A mediação em bibliotecas comunitárias ligada às escolas pode ser uma aliada no fortalecimento da rede de leitores crianças, jovens e adultos.

A preocupação em garantir à criança e ao adolescente seus direitos básicos, sendo um deles a leitura, está presente no Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA). Digamos que a lei é uma condição necessária. Porém, ela não é suficiente. Para que o plano dos direitos seja efetivado no plano dos fatos é preciso que práticas concretas caminhem nesta direção, ou, ainda, nesta construção. Esperamos que este relatório possa fornecer algumas pistas para a criação de uma política de leitura ancorada em práticas já existentes. Assim, desejamos que este texto seja mais um elo nesta rede vibrante de livros e leitores.

Bibliografia

- BATTLES, Matthew. *A Conturbada História das Bibliotecas*. São Paulo: Planeta, 2003.
- BRISTOL, Brian. *Por que amamos ler?* Ribeirão Preto: Editora Novo Conceito, 2008.
- CABRAL, Maria do Carmo Carvalho. *Encontros que nos movem: a leitura como experiência inventiva*. Tese de doutorado. Rio de Janeiro: UFRJ, 2006.
- CASTRILLÓN, Silvia. *Derecho a la Lectura escrita y Políticas Públicas*, 2006 (mimeo).
- _____. *De La Lectura de la Palabra a la Lectura del Mundo: clubes de lectores y grupos de maestros: una propuesta de promoción de lectura y de reflexión sobre esta actividad*. São Paulo, 2007 (mimeo).
- COLOMER, Teresa. *A Formação do Leitor Literário*. São Paulo: Global, 2003.
- CHARTIER, Roger. *A ordem dos livros*. Brasília: Ed.Univ. de Brasília, 1999.
- _____. *A aventura do livro – do leitor ao navegador*. São Paulo: UNESP, 1998.
- _____. (Org.). *Práticas da Leitura*. São Paulo: Estação Liberdade, 1996.
- DELEUZE, Gilles. “O que é um Dispositivo?” In: *Foucault*. 1988 (mimeo).
- _____. *Proust e os signos*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1987.
- _____. *Conversações*. Rio de Janeiro: Editora 34, 1992.
- _____. *Crítica e clínica*. Rio de Janeiro: Editora 34, 1997.
- _____. *F. Kafka – por uma literatura menor*. Rio de Janeiro: Imago, 1997.
- _____. *Uma vida filosófica*. São Paulo: Editora 34, 2000.
- DELEUZE, Gilles e PARNET, Claire. *Diálogos*. Lisboa: Editora Relógio D'Água, 1977.
- DELEUZE, Gilles e GUATTARI, Felix. *Mil Platôs: capitalismo e esquizofrenia*. Vol. 1. Rio de Janeiro: Editora 34, 1995.
- Estatuto da Criança e do Adolescente.
- FREIRE, Paulo. *A importância do ato de ler: em três artigos que se completam*. São Paulo: Cortez, 1982.
- _____. *Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa*. Rio de Janeiro: Editora Paz e Terra, 1996.

- GUATTARI, Felix e ROLNIK, Sueli. *Micropolítica: cartografias do desejo*. Petrópolis: Editora Vozes, 1996.
- GUATTARI, Felix. *As Três Ecologias*. Campinas: Papirus, 1990.
- GULLAR, Ferreira. *Corpo a corpo com a linguagem*, 1999. Disponível em: http://literal.terra.com.br/ferreira_gullar/porelemesmo/corpo_a_corpo_com_a_linguagem.shtml?porelemesmo. Acesso em outubro de 2008.
- _____. *Toda poesia*. Rio de Janeiro: Editora José Olympio, 2008.
- INSTITUTO C&A e CENPEC. Revista Prazer em Ler. Volume 1. “Um roteiro prático-poético para introduzir qualquer um e quem quiser nas artes e artimanhas das gostosices da leitura”. São Paulo, 2006.
- INSTITUTO C&A e CENPEC. Revista Prazer em Ler. Volume 2. “Registros esparsos da emoção do caminhante nas lidas com a mediação da leitura”. São Paulo, 2007.
- KASTRUP, Virgínia. “Autopoiese e subjetividade: Sobre o uso da noção de autopoiese por Deleuze e Guattari”. *Revista do Departamento de Psicologia da UFF*, v. 7, n. 1, 1995. pp. 86, 97.
- _____. “O devir-criança e a cognição contemporânea”. *Psicologia: Reflexão e Crítica*. Porto Alegre, v. 13, n. 2, 2000.
- _____. *A invenção de si e do mundo – uma introdução do tempo e do coletivo no estudo da cognição*. Campinas: Papirus, 1999.
- _____. “O funcionamento da atenção no trabalho do cartógrafo”. *Revista do Departamento de Psicologia da UFF*, 2007.
- _____. “O método da cartografia e os quatro níveis da pesquisa-intervenção”. In: CASTRO, Lúcia Rabello de e BESSET, Vera (Org.). *Pesquisa-intervenção na infância e na adolescência*. Rio de Janeiro: Nau Editora, 2008.
- LAJOLO, Marisa. *Do Mundo da Leitura para a Leitura do Mundo*. São Paulo: Ed. Ática, 2002.
- LARROSA, Jorge. *La experiencia de la lectura*. México: Fondo de Cultura Económica, 2003a.
- _____. *Pedagogia Profana: danças, piruetas e mascaradas*. Belo Horizonte: Autêntica, 2003b.
- LATOURETTE, Bruno. *How to talk about body? The normative dimension of science studies*. Paris, nov. 1999, pp. 1-28, mimeo.

- _____. “Redes que a razão desconhece: laboratórios, bibliotecas, coleções”. In: PARENTE, A. *Tramas da rede: novas dimensões filosóficas, estéticas e políticas da comunicação*. Porto Alegre: Sulina, 2004a, pp. 39-63.
- _____. *Políticas da natureza: como fazer ciência na democracia*. Bauru: EDUSC, 2004b.
- LEMINSKI, Paulo. *Caprichos e Relaxos*. São Paulo: Brasiliense, 1983.
- LISPECTOR, Clarice. *Os Melhores Contos de Clarice* (seleção Walnice Nogueira Galvão). São Paulo: Global, 1998.
- _____. Conversa descontraída. In: *Aprendendo a viver*. Rio de Janeiro: Rocco, 2004, pp. 130-132.
- LOURAU, René. “Objeto e método da análise institucional”. In: ALTOÉ, Sonia (Org.). *Analista institucional em tempo integral*. São Paulo: Hucitec, 2004.
- MACHADO, Ana Maria. *Ilhas do tempo: Algumas leituras*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2004.
- MAIRESSE, Denise. “Cartografia: do método à arte de fazer pesquisa”. In: FONSECA, Tânia Mara Galli e KIRST, Patrícia Gomes (Org.). *Cartografias e devires: a construção do presente*. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2003, pp. 259-271.
- MILANESI, Luís. *Biblioteca*. Cotia: Ateliê Editorial, 2002.
- MORAES, Márcia. “A ciência como rede de atores: ressonâncias filosóficas”. In: *História, Ciências, Saúde – Manguinhos*, vol. 11(2): 321-33, maio-ago, 2004.
- MOREIRA, Cíntia e MASSA, Isabella. *A biblioteca comunitária, a literatura infantil e o livro artesanal na Associação de Moradores de Água Mineral, 2005*. Disponível nos anais do 15º Congresso de Leitura do Brasil. Disponível em: <http://www.alb.com.br/anais15/Sem02/cintiamoreira.htm>.
- PASSOS, E., KASTRUP, V. e ESCÓSSIA L. (Orgs.). *Pistas do Método da Cartografia: pesquisa-intervenção e produção de subjetividade*. Porto Alegre: Ed. Sulina, 2009.
- PENTEADO, Maria Heloísa. *Lúcia-Já-Vou-Indo*. São Paulo: Ed. Ática, 2000.
- PETIT, Michele. *Os jovens e a leitura – uma nova perspectiva*. Rio de Janeiro: Editora 34, 2008.
- POZZANA de BARROS, Laura. *O Corpo em Conexão: Sistema Rio Aberto*. Niterói: EdUFF, 2008.

- POZZANA de BARROS, L. e KASTRUP, V. “Cartografar é acompanhar um Processo”. In: *Pistas do Método da Cartografia: pesquisa-intervenção e produção de subjetividade*. Porto Alegre: Ed. Sulina, 2009.
- PICHON-RIVIÈRE, Enrique. *Teoria do Vínculo*. Buenos Aires: Nueva Visión, 2000.
- PROMUNDO e CIESPI. *Comunidade não é risco, é oportunidade: fortalecendo as bases de apoio para crianças e jovens em comunidades do Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro, 2006.
- PROUST, Marcel. *Sobre a leitura*. Campinas: Pontes, 1989.
- RIZZINI, Irene; BARKER, Gary e ZAMORA, Maria Helena (Orgs.). “O Social em Questão. Crianças, adolescentes, famílias e políticas públicas: para além do faz de conta”. *Revista do Programa em Serviço Social da PUC-Rio*. Vol. 7, n. 7, ano VI, primeiro semestre de 2002.
- RIZZINI, Irene; BARKER, Gary e CASSANIGA, Neide. *Criança não é risco, é oportunidade*. Rio de Janeiro: Ed. USU, 2000.
- ROCHA, Ruth. “A Viagem da Leitura”. *Revista Nova Escola*. Maio, 1998. Disponível em: http://novaescola.abril.uol.com.br/ed/112_mai98/html/repcapa.htm Acesso em junho de 2007.
- ROLNIK, Sueli. *Cartografia Sentimental: transformações contemporâneas do desejo*. São Paulo: Estação Liberdade, 1989.
- SCHOPENHAUER, Arthur. *Sobre livros e leitura*. Porto Alegre: Paraula, 1993.
- SERRA, Elizabeth D’Angelo (Org.). *Ética, Estética e Afeto na Literatura para Crianças e Jovens*. São Paulo: Global, 2001.
- SERRA, Elizabeth D’Angelo (Org.). *Ler é preciso*. São Paulo: Global, 2002.
- TARDE, Gabriel. *As Leis da Imitação*. Porto: Rés editora, 1976.
- VARELA, Francisco. *Sobre a competência ética*. Lisboa: Edições 70, 1995.
- _____, THOMPSON, Evan e ROSCH, Eleanor. *L’inscription corporelle de l’esprit*. Paris: Seuil, 1993.
- VELOSO, Caetano. “Livros”. In: SILVEIRA, Julio e RIBAS, Martha. (Orgs.). *A paixão pelos livros*. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2004, pp. 49-50.
- WINNICOTT, Donald Woods. *O Brincar e a Realidade*. Rio de Janeiro: Imago, 1975.

Documentos consultados:

Relatório “Elos na Rede”. 2008. Disponível em: www.ciespi.org.br

Anais do 15º Congresso de Leitura do Brasil. Disponível em: <http://www.alb.com.br/anais15/Sem02/cintiamoreira.htm>.

O Programa Prazer em Ler no contexto nacional da promoção da leitura. Novembro, 2007.

7º Encontro de Educadores Mediadores de Leitura. Caderno do Educador. Gerência de Educação, Arte e Cultura do Instituto C&A. Maio, 2008.

Nos Caminhos da Literatura. [apoio] Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil. [organização] Instituto C&A. São Paulo: Peirópolis, 2008.

Sobre o Instituto C&A

PROGRAMA PRAZER EM LER

O Instituto C&A é uma organização sem fins lucrativos que tem por finalidade promover e qualificar, em âmbito nacional, a educação de crianças e adolescentes. Esta finalidade, já estabelecida no ato de criação do Instituto C&A, em 1991, perfaz a essência da missão desta instituição e define suas diretrizes no sentido de contribuir para a efetivação dos direitos de crianças e adolescentes a uma educação de qualidade.

Missão do Instituto C&A

Promover a educação de crianças e adolescentes das comunidades onde a C&A atua, por meio de alianças e do fortalecimento de organizações sociais

Mediante os pressupostos anunciados em sua missão, o Instituto C&A organiza suas atividades em torno de três áreas de investimento¹:

Educação – Arte – Cultura

- Programa Prazer em Ler
 - Programa Educação Infantil
 - Programa Educação Integral
 - Núcleo de Cultura e Arte
1. **Desenvolvimento institucional e comunitário**
 - Programa Desenvolvimento Institucional
 - Programa Redes e Alianças
 2. **Mobilização social**
 - Programa Voluntariado Empresarial

A política de investimento do Instituto C&A se dá por meio da formação de parcerias e alianças, propiciando apoio técnico e financeiro

¹ Desde que foi criado, o Instituto C&A investiu cerca de U\$ 55 milhões em aproximadamente 1,3 mil ações sociais voltadas à educação de crianças e adolescentes. Algumas dessas iniciativas ganharam *status* de política pública, de modo que o número estimado de beneficiários nos projetos apoiados pelo Instituto C&A é de um milhão de pessoas. A organização é mantida por doações da Cofra Foundations, que é o braço social do Grupo Cofra, *holding* que controla a C&A.

a programas e projetos sociais realizados por outras instituições sem fins lucrativos e pelo poder público, considerando, nesta relação, o compartilhamento de princípios, valores, diretrizes e decisões estratégicas.

O Programa Prazer em Ler foi criado pelo Instituto C&A no ano de 2006, com o objetivo de “promover a formação de leitores e desenvolver o gosto pela leitura, por meio de ações continuadas e sustentáveis e de articulações com distintos agentes envolvidos com a leitura no Brasil”, ampliando as oportunidades educacionais de crianças, adolescentes e de suas famílias.

O princípio básico que orienta as ações do programa é: ler é uma prática social fundamental à formação do cidadão e importante via de acesso ao conhecimento e à cultura.

Já os conceitos que norteiam o Programa Prazer em Ler partem da premissa de que a literatura pode contribuir na construção da cidadania, pois cada leitor elabora, a partir da leitura, reflexões que o apoiam no processo de inserção como sujeito na sociedade. Ao mesmo tempo, a literatura oferece a possibilidade de o leitor construir significados para a consolidação de sua própria identidade. A relação com a literatura é feita de intersubjetividades, ou seja, o leitor vai estabelecendo novas formas de ver, tanto no que se refere ao seu universo interno, como para pensar seu lugar no mundo. E confluindo com a própria concepção de educação do Instituto C&A, como processo de construção de sujeitos autônomos e críticos, emerge a noção de leitura como prática construtora da cidadania.

O Programa Prazer em Ler possui um sistema de acompanhamento e avaliação que foi desenhado para atender a quatro grandes objetivos: promover a aprendizagem dos agentes envolvidos; aprimorar o programa Prazer em Ler, bem como os projetos de incentivo à leitura por ele apoiados; aferir a relevância do programa perante a situação da leitura no Brasil; disseminar resultados e boas práticas de promoção da leitura.

Desenvolver programas e projetos no formato de ciclo de investimento é uma das diretrizes do Instituto C&A. O Programa Prazer em Ler de promoção da leitura completou, no início de 2009, seu primeiro ciclo de três anos. A aquisição e ampliação de acervo, a implementação de espaços adequados de leitura e a formação de educadores mediadores da leitura estabeleceram-se como focos do Programa, que recebeu R\$ 21 milhões em investimentos desde 2006.

Sobre o CIESPI

Centro Internacional de Estudos e Pesquisas sobre a Infância (CIESPI), em convênio com a PUC-Rio, é um centro de referência dedicado ao desenvolvimento de pesquisas e projetos sociais voltados a crianças, adolescentes, jovens e seus elos familiares e comunitários. Tem como meta subsidiar políticas e práticas para esta população, contribuindo para o seu desenvolvimento integral e para a promoção e defesa dos seus direitos.

Principais atividades

- Desenvolve projetos de pesquisa e ação interdisciplinares, contribuindo para o debate sobre políticas e práticas nas áreas da infância, juventude, família e comunidade;
- Promove palestras, cursos e seminários, visando a socialização dos resultados de suas pesquisas em âmbitos local, nacional e internacional;
- Difunde metodologias e dados provenientes de pesquisas produzidas no Brasil e no exterior;
- Oferece capacitação a estudantes e profissionais em diversas áreas do conhecimento;
- Assessora projetos, programas e pesquisas nas áreas de atuação do CIESPI;
- Participa de espaços de articulação e deliberação de políticas públicas, tais como Fóruns e Conselhos, de forma a contribuir para a promoção, defesa e garantia dos direitos das crianças, adolescentes e jovens.

Principais linhas de ação

- Desenvolvimento de estudos, pesquisas e projetos sociais;
- Assessoria interdisciplinar em âmbito nacional e internacional;
- Capacitação de estudantes e profissionais;
- Sistematização e difusão de informações;

Caixa Postal: 38.002

CEP: 22.451-970

Rio de Janeiro - RJ

Tel/fax: 55 21 2259-2908

e-mail: ciespi@ciespi.org.br

site: www.ciespi.org.br